

Tertúlia Literária Dialógica: teoria e prática



Ilustração: João Borges

GUIA DIDÁTICO A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO NO
PROGRAMA NACIONAL MULHERES MIL

Jane Christina Pereira
Ana Paula Santiago Seixas Andrade

Jane Christina Pereira
Ana Paula Santiago Seixas Andrade

Tertúlia Literária Dialógica: teoria e prática

Guia didático a partir de uma experiência de extensão no
Programa Nacional Mulheres Mil

2014

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA

REITOR

Wilson Conciani

Coordenação de Publicações

Katia Guimarães Sousa Palomo

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Luciana Miyoko Massukado

Produção Executiva

Fernando Coelho Barboza

PRÓ-REITOR DE ENSINO

Adilson Cesar de Araujo

Capa

Dianne Freitas

Jane Christina Pereira

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO

Giano Luis Copetti

Ilustração Capa

João Borges

PRÓ-REITOR DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Fernando Dantas de Araújo

Projeto Gráfico e Diagramação

Dianne Freitas

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO

Simone Cardoso dos Santos Penteado

Conselho Editorial

MSc. Carlos Ferreira Wanderley

Dra. Cristiane Herres Terraza

MSc. Francisco Nunes dos Reis Júnior

MSc. Gabriel Andrade Lima de Almeida Castelo Branco

MSc. Katia Guimarães Sousa Palomo

Dr. Luiz Diogo de Vasconcelos Junior

MSc. Marco Antonio Vezzani

Esp. Reinaldo de Jesus da Costa Farias

MSc. Richard Wilson Borrozine de Siqueira

Dra. Sônia Cristina Hamid

Dra. Tatiana de Macedo Soares Rotolo

MSc. Vanessa de Assis Araújo

EDITORA



EDITORA IFB

Reitoria - SGAN Quadra 610, módulos D, E, F e G

C.E.P.: 70830-450 - Brasília - DF

www.ifb.edu.br

Fone: +55 (61) 2103-2108

editora@ifb.edu.br

© 2014 Editora IFB

Todos os direitos dessa edição são reservados à Editora IFB.

É permitida a publicação parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

9	PREFÁCIO
13	APRESENTAÇÃO
19	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA E SEU PROCESSO HUMANIZADOR
37	A TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA NA PRÁTICA
38	<i>As mulheres participantes: exclusão e silêncio</i>
40	<i>A Tertúlia Literária Dialógica e suas fases</i>
49	<i>Primeira fase: mapeamento dos interesses, sonhos e saberes prévios das participantes</i>
54	<i>Segunda fase: realização dos encontros para leitura e diálogo acerca das obras literárias</i>
56	<i>Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus</i>
79	<i>Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de Cora Coralina</i>
101	<i>Terceira fase: produção de livros de literatura pelas participantes da LD</i>
115	CONSIDERAÇÕES FINAIS
120	REFERÊNCIAS
123	ANEXOS

P436t Pereira, Jane Christina

Tertúlia literária dialógica: teoria e prática: guia didático a partir de uma experiência de extensão no Programa Nacional Mulheres Mil/ Jane Christina Pereira, Ana Paula Santiago Seixas Andrade. _ Brasília : Editora IFB, 2014.

143 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-64124-34-9

1. Literatura e sociedade. 2. Literatura - Estudo e ensino.3. Incentivo à leitura. 4. Cidadania - Mulheres. 5. Literatura - Direitos humanos. I. Andrade, Ana Paula Santiago Seixas. II. Ministério da Educação. III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. IV. Programa Mulheres Mil. V. Título.

CDU 82:808.1

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	O QUE SIGNIFICA TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA?
QUADRO 2	FASES DO PROJETO DE TLD NO PROGRAMA “MULHERES MIL”
QUADRO 3	RELEMBRANDO OS PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM DIALÓGICA
QUADRO 4	O PAPEL DE CADA MEMBRO DA EQUIPE DA TLD
QUADRO 5	O REGISTRO DA MEMÓRIA DOS ENCONTROS DA TLD
QUADRO 6	A DINÂMICA DA TLD
QUADRO 7	COMO REALIZAR O MAPA DA VIDA
QUADRO 8	COMO SE ENCADERNA UM LIVRO ARTESANAL?
QUADRO 9	IMPRESSÕES DAS PARTICIPANTES SOBRE A TLD



Ilustração: João Borges

“Todo caminho da gente é resvaloso. Mas também, cair não prejudica demais - a gente levanta, a gente sobe, a gente volta!... O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

(Guimarães Rosa)

Tertúlia Literária Dialógica: um secreto investimento em formas improváveis

Na primeira vez que tive contato com uma Tertúlia Literária Dialógica (TLD), por meio de minha participação no Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), ainda não sabia bem do que se tratava, embora tivesse participado de algumas sessões de estudo sobre o assunto e ouvido relato de pessoas mais experiente.

A tertúlia ocorria em um centro comunitário da periferia da cidade de São Carlos/SP e seus participantes eram trabalhadoras domésticas, senhores/as aposentados/as, uma jovem desempregada e um jovem com necessidades específicas. Alguns eram neoleitores que estavam tendo os primeiros contatos com a lecto-escrita em programas de alfabetização de adultos. Outros haviam sido “expulsos” do sistema escolar na infância, junto ao qual não conseguiram se reintegrar mais tarde – afinal, a necessidade de prover a própria sobrevivência sempre impôs o trabalho como uma prioridade em detrimento do estudo. Uma das participantes aposentadas relatava ter voltado a estudar somente quando viúva, no “antigo supletivo”, pois o marido não permitia que ela frequentasse a escola.

Os sotaques variados evidentes nas falas revelavam uma diversidade de origem entre os participantes, nordestinos, sulistas, pessoas da região central, paulistas. Ao longo do semestre em que participei daquela tertúlia, junto com o sotaque, as cores de pele, o sexo e o padrão de normalidade, foram se revelando como indicadores da exclusão: ser nordestino, mulher, negro ou “deficiente” tornou-se sinônimo

de um repertório de sofrimento e de luta, que os participantes podiam compartilhar e ressignificar na tertúlia. A pobreza e, conseqüentemente, o trabalho precoce havia marcado a vida de todos, mas se agudizava diante desses aspectos de diferença que são transmutadas em desigualdades por uma sociedade racista, machista, territorialista e normatizante. E mais, uma sociedade que deprecia as capacidades intelectuais e interpretativas das pessoas com baixa escolaridade, atribuindo sua visão de mundo a concepções míticas, irracionais, ignorantes ou pouco elaboradas.

Imagine você, leitor, um cidadão desta sociedade excludente e, a priori, educado para reproduzir as desigualdades sobre as quais ela se assenta, entrando na sala do referido centro comunitário e se deparando com as referidas pessoas sentadas em círculos e todas, muito atentas, lendo e dialogando sobre uma das importantes obras da literatura nacional e mundial, o clássico de Graciliano Ramos *Vidas Secas*. Fiquei perplexa em um primeiro momento. No fundo, pensava: como era possível que pessoas tão sofridas, algumas inclusive com dificuldade de visão, se interessassem por literatura, deslocando-se de suas casas, às vezes distantes, para participar da tertúlia? Como era possível que tivessem comentários tão profundamente pertinentes a fazer sem nunca ter estudado literatura, sem nunca ter conhecido Graciliano Ramos antes daquele momento, sem ao menos terem o domínio fluído da escrita, apenas a partir de experiências miseráveis no corpo-a-corpo com a vida? Como era possível que se tratassem com tanto respeito e solidariedade, expondo suas dúvidas aparentemente mais ignorantes (como, por exemplo, sobre o significado de palavras simples) sem serem ridicularizadas? Como era possível que ao final daquele encontro tão despretensioso, tivessem aprendido tantas coisas novas, ao compartilharem palavras e experiências?

Acolhida por aquele grupo de leitores e pelo grupo acadêmico do qual eu provinha, pude perceber que minha perplexidade estava assentada em todos os muros anti-dialógicos que a tertúlia busca romper e que estruturam a sociedade segregada em que vivemos. Para mim e certamente para os participantes tanto quanto para a moderadora da tertúlia, uma pesquisadora do Niase, a tertúlia foi uma

grande escola de humanização, de aprendizagem instrumental, de mútua educação para o diálogo igualitário, para a igualdade de diferenças.

Algum tempo depois, vi esta atividade funcionando no contexto da sala de aula, com estudantes da EJA e, neste caso, saltou-me aos meus olhos como a metodologia da tertúlia, baseada na aprendizagem pelo diálogo, pode transformar espaços historicamente anti-democráticos, tal como a escola, em espaços democráticos de estímulo à criatividade, à participação e aprendizagem de conteúdos acadêmicos relevantes para a melhoria da qualidade de vida dos participantes. Neste caso, considero qualidade de vida, o direito a fruir culturalmente, mas também o de ter o instrumental técnico que permite lidar com a palavra escrita de forma ampliada.

A presente obra, com o objetivo de didatizar a tertúlia, parte de uma experiência de TLD conduzida pelas autoras, tendo como participantes mulheres da periferia do Distrito Federal, domésticas, donas de casa e outras que sobrevivem da atividade de catação de materiais recicláveis. A obra que tens em mãos, leitor, é um convite estimulante à prática da tertúlia em diferentes contextos, mas também à recriação da atividade, visando ampliar o potencial humanizador da literatura clássica (sim, a mesma literatura que os segmentos elitistas da sociedade tentam monopolizar como objeto decifrável apenas por seus “cultos” repertórios). As autoras desta obra partiram do referencial teórico metodológico da tertúlia, desenvolvida na Espanha nos anos 70, e mostraram que é possível ampliá-lo sem que a aprendizagem pelo diálogo se perca do foco. Ao invés de se utilizarem da tertúlia apenas para a leitura da literatura clássica, se serviram dela ainda como alavanca para que as participantes se tornassem escritoras de diferentes gêneros literários. De donas de casa e catadoras a leitoras, de leitoras a escritoras: as mulheres participantes da TLD mostraram que a tertúlia pode fazer florescer muitas Carolinas Marias de Jesus e Coras Coralinas Brasil afora. Carolina, consagrada internacionalmente pelo seu *Quarto de Despejo* e Cora com seus *Poemas dos becos de Goiás* e *Histórias mais* e Clarice Lispector com sua *Felicidade clandestina* foram mulheres que saltaram os muros anti-dialógicos de seu tempo, buscando na expressão literária um refúgio humanizador. Elas fizeram

parte da tertúlia didatizada no presente livro, despertando entre as participantes reflexões fascinantes, críticas e poéticas, aprendizagens que levarão para suas vidas.

Se o leitor duvida que a tertúlia possa democratizar a literatura clássica, eu o desafio à leitura atenta do presente livro e, depois, à prática da tertúlia. O significado da tertúlia só pode ser assim plenamente apreendido, na reflexão e na experiência da atividade. Que este livro possa estimulá-lo, a se apropriar dos referenciais teórico-metodológicos da tertúlia e a levá-lo para o interior das escolas, dos centros comunitários, associações de moradores etc.

José Saramago, ao participar de um evento sobre TLD na Espanha, se emocionou ao saber da vitalidade social que suas obras haviam ganhado no contexto da roda de leitura dialógica dinamizada por toda sorte de excluídos daquele país. Em pronunciamento público, ele condenou a colonização da leitura que, frequentemente, a escola pratica e que, pelo método “o que o autor quis dizer?”, retira do leitor a condição de sujeito, transformando a obra literária em um instrumento de desumanização e que, por isso mesmo, gera o desinteresse pela leitura. A tertúlia, segundo ele, ao contrário, realça a condição de sujeitos dos leitores e realça que o diálogo é o elemento capaz de ampliar ainda mais esta condição, restaurando para a obra literária o estatuto de dinamizadora da vida social e de simbólica, que ela não pode perder.

Diante de tudo isso é que me parece oportuno reter aqui um trecho poético de Drummond, que te anime leitor, a levar a tertúlia para os todos os espaços, inclusive para aqueles que lhe possam parecer mais hostis, com a escola, a prisão, a sala de hemodiálise de um hospital, convidando para participar das atividades os coletivos mais diversos, inclusive aqueles personagens que só ganham alguma beleza nas fotos de Sebastião Salgado. Você certamente também se humanizará com a experiência. Enfim, Drummond: “onde não há jardim as flores nascem de um/ secreto investimento em formas improváveis”.

Kelci Anne Pereira

Educadora popular

(Doutoranda em Educação - USP)

APRESENTAÇÃO

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

(Eduardo Galeano)

Início esta apresentação com uma epígrafe sobre a utopia, porque a Tertúlia Literária Dialógica foi a atividade que me permitiu ressignificar minha formação acadêmica e renovou o sentido de minha prática profissional como educadora pelo Instituto Federal de Brasília¹ (IFB) / *Campus* Taguatinga Centro.

Sou licenciada em Letras e fiz mestrado e doutorado em Literatura. Ao longo de 11 anos neste percurso acadêmico, sempre me deparei com uma contradição entre teoria e prática. Em relação a esta última, observava uma dicotomia hierarquizante entre docência e pesquisa, em que, via de regra, se aproximar da primeira, significa profanar a segunda. Neste processo, em que ser pesquisador sempre é mais valorizado do que ser docente, a obra literária é encarcerada no ambiente universitário, que legitima, como seus críticos, apenas os especialistas que ali também se encerram. A expressão “torre de marfim” descreve claramente a posição desse pesquisador, trabalhando com a obra literária como seu único crítico legítimo, pela relação teórica com seus iguais. Enfim, nesse contexto, é quase impensável discutir

1 Os Institutos Federais são instituições de ensino, pesquisa e extensão espalhadas por todos os estados brasileiros, que atuam desde o ensino técnico, tecnológico e licenciaturas até a pós-graduação, sendo que, na educação básica, atendem também à modalidade Educação de Jovens e Adultos. O IFB, especificamente, tem como missão “Oferecer ensino, pesquisa e extensão no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, por meio da produção e difusão de conhecimentos, contribuindo para a formação cidadã e o desenvolvimento sustentável.” <http://www.ifb.edu.br/aceso-a-informacao/missao>

a democratização da literatura; para a maioria dos acadêmicos, a obra de arte literária só não é diminuída em seu *status* artístico, pelo seletivo grupo dos acadêmicos.

Contraditoriamente, na teoria que embasou toda minha formação, cujo teórico e crítico mais relevante foi Antonio Candido, a literatura era abordada em sua relação definitiva com a sociedade, como um direito de todo e qualquer ser humano. Portanto, na visão de Candido, a obra literária é, antes de tudo, um objeto social com potencial humanizador, muito mais pela sua forma estética, que estimula a reflexão crítica e criativa, do que pelo seu conteúdo moralizante.

Com essa bagagem contraditória, e já tendo me posicionado em favor da democratização da literatura no contexto do IFB, me perguntava: como articular teoria e prática? Como transformar a perspectiva de Antonio Candido no eixo orientador de minha atuação docente, na relação intrínseca entre ensino, pesquisa e extensão, a ser desenvolvida pelos Institutos Federais?

Foi então que, por uma rede de contatos pessoais e profissionais, tomei contato com o trabalho do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)², e particularmente com a Tertúlia Literária Dialógica (TLD³), que respondia às minhas indagações e me mostrava muitas possibilidades para resolver a dicotomia citada. A partir de um curso sobre TLD oferecido pelo NIASE, conheci o referencial teórico-metodológico da aprendizagem dialógica que embasa esta atividade, permitindo que a obra literária seja experimentada, por grupos sociais marginalizados, em sua potência de objeto artístico humanizador. A TLD consiste em uma atividade cultural e educativa, realizada por pessoas de diferentes idades, escolaridades, sexo, origem, etc., que se reúnem periodicamente para ler obras clássicas da literatura e dialogar sobre o lido, entrelaçando com questões por elas vividas e refletidas.

A partir da minha formação em TLD, que fiz no NIASE, pude visualizar

2 www.ufscar.br/niase

3 A partir deste momento do texto, sempre que aparecer a sigla TLD, leia-se Tertúlia Literária Dialógica.

uma prática em que eu poderia, dentro da minha formação em literatura, articular ensino, pesquisa e extensão, sob perspectiva democrática. E foi o que fiz. No ensino, incorporei a aprendizagem dialógica como referencial para as aulas que ministrei nos cursos técnicos, FICs e de graduação em Letras. Na pesquisa, com estudantes e com a técnica em assuntos educacionais, Ana Paula S. Seixas, coautora deste livro, fundei e passei a liderar o grupo de pesquisa “Tertúlia Literária Dialógica em perspectiva”, certificado pelo CNPq e IFB. Na extensão, fui contemplada com o projeto “Tertúlia Literária Dialógica: educação democrática para jovens e adultos a partir da leitura de obras da literatura clássica”. Neste projeto de extensão aprovado e financiado pela Pró Reitoria de Extensão do IFB, contei com o apoio dos bolsistas/monitores Lucineide Ribeiro dos Santos e Nilson Barros, estudantes dos cursos “Técnico em Comércio” e “Manutenção em Informática”, respectivamente. O projeto, realizado ao longo dos anos 2011-2012, tinha como público-alvo as mulheres participantes do Programa Nacional Mulheres Mil.

Trata-se de um programa da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do Ministério da Educação (MEC), realizado pelos IFs, integrando três eixos: *educação, cidadania e desenvolvimento sustentável*. O Programa Mulheres Mil tem como público-alvo mulheres em situação de vulnerabilidade social e, como objetivo, inclui-las socialmente, por meio de uma oferta educativa focada na criação de alternativas para a inserção no mundo do trabalho⁴ e na melhoria da qualidade de suas vidas e das de suas comunidades. Portanto, trata-se de um programa que aborda as desigualdades sociais do ponto de vista das relações de gênero e de trabalho, em suas relações com a baixa escolaridade, podendo ser considerado um Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No caso específico das Mulheres Mil do *Campus* Taguatinga, com as quais

4 Para uma problematização crítica sobre a relação entre educação e trabalho, na sociedade capitalista e, considerando para análise grupos sociais vulneráveis, consultar: IRELAND, T., MACHADO, M.M., IRELAND, V. E. *Os desafios da Educação de Jovens e Adultos: vencer as barreiras da exclusão e da inclusão tutelada*. In: KRUPPA, S. M. P. (Org) *Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: INEP, 2005. p. 91-102.

desenvolvemos o projeto de TLD, a vulnerabilidade social em que se encontravam era extrema, exprimindo-se, entre tantas outras formas, em condições de moradia e de trabalho precárias ou muito precárias.

A TLD realizada com essas mulheres não apenas ressignificou minha própria prática como educadora, como promoveu a elas processos de aprendizagem e de transformação intersubjetivos de imensurável valor, recuperando o verdadeiro sentido da escola (no caso, do IFB) como um espaço cultural, de acesso, de estímulo e de ampliação do conhecimento, incluindo a literatura como um direito humano.

Essa experiência foi tomada como base para a elaboração deste livro⁵, que busca didatizar a TLD a partir de vários exemplos de momentos que a ilustram, servindo de inspiração para os educadores que se interessem em incorporar a TLD as suas práticas, em contextos escolares ou não escolares⁶. Justamente por isso, o livro não é um mero relato de experiência, mas busca também explicitar as bases teóricas e a metodologia da TLD. Assim, traz o referencial teórico-metodológico da atividade – composto, principalmente, pelos conceitos de dialogicidade, em Paulo Freire, ação comunicativa, em Habermas, e direito à literatura, em Antonio Candido –, bem como a prática da TLD, detalhada em cada uma de suas fases. Ao final, para apoiar o futuro educador interessado em realizar e/ou pesquisar a TLD, há um anexo em que constam listas de obras clássicas da literatura e de *sites* em que se pode encontrar mais informações e/ou artigos acadêmicos sobre o tema.

É muito importante apresentar aqui as gravuras deste livro, feitas por João Borges, um artista autodidata, de traços genuínos, que revelam um mundo interno permeado pela memória da escassez, da insegurança afetiva e, paradoxalmente, da magia da sua arte que sempre ressignificou todo esse conteúdo. João Borges tem 65 anos, vive no interior de São Paulo e há muito tempo, segundo ele, perdeu a ins-

5 As mulheres participantes autorizaram a publicação de todos os registros que compõem este livro.

6 Por ser uma atividade complexa e para que esta não seja descaracterizada em uma mera roda de leitura, sugiro que a pessoa interessada em recriar a tertúlia em seu contexto leia o livro todo, na ordem em que ele foi escrito.

piração. Só abriu exceção para produzir estas gravuras aqui e mesmo assim, durante o processo de criação delas, ele sentiu-se muito mal. As palavras dele ilustram esse difícil enfrentamento: “Só você memo para dar valor a estas coisas; eu não faço mais porque aqui nunca ninguém deu valor não”. E gargalhando com os braços levantados para o céu, como tem costume quando está animado, filosofa: “Quando eu desenho, eu procuro corrigi as coisa que Deus faz... mas aí eu vejo que tô tentando corrigi a perfeição”. Os traços que carregam a maturidade forçada deste homem, por causa da falta, dialogam profundamente com a matéria de que é feita este livro.

Enfim, o horizonte utópico para o qual me movimento na escritura e produção deste livro, em coautoria com Ana Paula, é a difusão da TLD como uma atividade que humaniza e transforma, não apenas pessoas vulneráveis socialmente, mas todos aqueles que se dispõem a aprender em diálogo igualitário e a apreciar a fruição da leitura literária.

Boa leitura! Que este livro anime sua prática!

Autora do livro



Ilustração: João Borges

*“Eu uso essa palavra porque nunca tive medo de palavras.
Tem gente que se assusta com o nome das coisas.”*

(Clarice Lispector)

1. Fundamentação teórico-metodológica: Tertúlia Literária Dialógica e seu processo humanizador

Sabemos que a arte não é uma coisa e a vida outra. Trata-se de uma inter-relação paradoxal em que a poesia plurissignificativa – unidade do ser – resiste a uma sociedade guardiã do significado único que lhe interessa, esterilizando projetos utópicos. Nesse sentido, propomos um olhar acerca da literatura que vá de encontro ao posicionamento fatalista pós-moderno sobre as possibilidades de se empreender mudanças reais na sociedade. É, portanto, um olhar sobre a interação entre os homens, tendo a arte literária como fundamento para a mudança.

Sob tal perspectiva, Candido (2004), em “O direito à literatura”, chama a atenção para o fato de que, em uma sociedade de extrema desigualdade como a nossa, de estratificação das possibilidades, tende-se a tratar bens materiais e espirituais, que são incompressíveis (os que não podem ser negados a ninguém), como de exclusividade apenas de uns poucos privilegiados. Questionando esse exclusivismo, o teórico relaciona o direito à literatura com os direitos humanos. Em sua perspectiva Candido (2004, p. 134) a literatura surge como um fator de humanização, como uma expressão de arte que dá sentido ao humano, independente de quaisquer diferenças socioculturais ou econômicas:

(...) são bens incompressíveis não apenas os que asseguram sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura.

Aqui, o texto literário é tratado como um bem incompressível e humanizador, trazendo a análise da função da literatura para as especificidades dos movimentos

sociais, no sentido de promover a equidade. Segundo Candido (2004), as pessoas tendem a defender o direito universal a bens essenciais, como casa, comida, instrução e saúde, porque, atualmente, ninguém ajuizado vai admitir que estes devem ser um privilégio de minorias. Mas o teórico chama a atenção ao fato de que essas mesmas pessoas se dispõem a negligenciar um direito também essencial ao homem, outorgando-o apenas às camadas mais abastadas. Sophia Andresen (1977, p. 77), poeta contemporânea lusitana, corrobora essa ideia acerca da democratização da literatura em seu tratado sobre poesia e revolução:

É muito importante que se compreenda claramente que arte não é luxo nem adorno. A história mostra-nos que o homem paleolítico pintou as paredes das cavernas antes de saber cozer o barro, antes de saber lavar a terra. Pintou para viver. Porque não somos apenas animais acossados na luta pela sobrevivência.

Manifestar-se por meio da arte, seja pela literatura, seja pela música ou por outro segmento desse universo, é uma característica inerente ao ser, que não “escolhe” sexo, idade ou classe social. A escolha cerceadora é feita pela sociedade, em particular pelas classes que “acreditam” serem competentes para decidir quem é capaz de usufruir o quê dentro da arte. A respeito disso, Candido (2004, p. 135) pontua:

Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoievski ou ouvir os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções no outro setor, talvez isto não lhes passe pela cabeça. E não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao semelhante. Ora, o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos.

Nesse contexto de exclusão, criou-se a ideia de que a capacidade de olhar estético só pertence às elites, como se somente estas tivessem sensibilidade para apreender e apreciar a arquitetura poética das palavras. Candido (2004, p. 144) deses-

tabiliza tal ideologia quando relaciona o aspecto estrutural do texto com a função humanizadora da literatura, como sendo uma das três faces desta:

1. ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado;
2. ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos;
3. ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.

Assim, o teórico destrona a ideia de que a literatura é para poucos e, somente veículo de conhecimento, como se ela fosse um manual didático. Assim, destaca a simultaneidade dos três aspectos, valorizando o primeiro como aquele que decide a literariedade de um texto, além de ser inerentemente humanizador (o que será explicitado mais adiante).

É importante perceber que a discussão sobre literatura e humanização provoca o professor de Literatura quanto ao seu papel social. Bosi (2002, 182), teórico, crítico e professor de Literatura da USP, em seu texto “A escrita e os excluídos”, revela tal preocupação ao relatar uma experiência de leitura, da obra *Vidas Secas*, com proletários excluídos da educação formal: “De todo modo, eu sentia que fazer teses era bom e necessário, mas certamente não bastava para um professor que pretendesse ser também cidadão”.

Portanto, o direito universal à literatura, cerceado pela iniquidade social, encerra a questão do papel daquela na formação do homem e, por conseguinte, na educação. Tal questão apresenta uma contradição, pois, segundo Candido (2004), ao mesmo tempo em que o professor estimula a leitura literária, este tem receio de suas implicações. Existe um conflito entre o convencionalismo de se acreditar em uma literatura que melhora o ser (segundo os padrões oficiais) e aquela detentora da força indiscriminada de iniciação na vida, que dá ao estudante visões complexas

de seu estar no mundo, atitude que nem sempre é encarada com bons olhos pelo professor. Nesse sentido, Candido (2004, p. 147) pontua: “Ela (a literatura) não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. Em outras palavras, o processo de humanização decorrente da leitura literária pode provocar o altruísmo, o gosto pelo belo, a preocupação com a natureza e com a sociedade, a partir do momento em que desenvolve a organização das emoções e a visão de mundo do homem.

Embora alguns cientistas políticos pós-modernos ignorem a luta de classes, tal divisão, antes de se fazer presente somente em teses da academia ou trabalhos da escola, é concreta e está visível no cotidiano das pessoas que sofrem com ela. Asseverando isso, Bosi (2002, p. 197), a partir de sua experiência de leitura com jovens trabalhadores, excluídos dos debates e intervenções sociais, lança mão de uma observação de imediata pertinência para nossa discussão:

O que era exercício escolar, trabalho de aproveitamento ou matéria de tese – logo, mera exterioridade e objectualidade – se fazia, na alma daqueles mocinhos e mocinhas sem letras, pura expressão, forma viva da experiência subjetiva e interpessoal, e principalmente estímulo para falar de assuntos vitais como a família, a pobreza, a violência, a migração, o trabalho como castigo, o destino de um povo.

O elo entre reflexão e ação promovida pelo contato com a obra de arte literária estava definindo para sempre aqueles jovens. Já entendiam que suas experiências poderiam servir como meio de compreender a literatura e vice-versa. A partir dessa vivência puderam sentir que a autonomia estava ligada a esta prática.

Depois de alguns anos, em seu exercício de leitura fora da Universidade com pessoas, antes privadas da experimentação artística, Bosi (2002, p. 181) conclui: “Mas o que importa é que a experiência do acesso à cultura mediante o diálogo estava feita”. Temos, diante de tais considerações, o contexto propício para apresentar, mais detalhadamente, a metodologia da TLD, que abriga tal humanização pela literatura.

QUADRO 1 – O que significa tertúlia literária dialógica?

- **TERTÚLIA** – Vocábulo de língua espanhola que quer dizer “encontro entre amigos”.
- **LITERÁRIA** – Remete à literatura enquanto uma forma de arte que, ao abordar temas existenciais humanos a partir de uma determinada estética, mobiliza nos leitores dúvidas, reflexões e sentimentos intrínsecos à condição humana. Estes temas e questões atravessam tempo e espaço sem perder sua validade.
- **DIALÓGICA** – O diálogo previsto na tertúlia remete à superação dos modelos colonizadores de leitura, próprios da escola bancária (tradicional e hierárquica). Sendo assim, na tertúlia não se busca “decifrar” o que o autor quis dizer. O objetivo é que cada pessoa participante se sinta motivado a compartilhar com o grupo o que pensou, sentiu ou questionou a partir do lido, tendo como pano de fundo o seu mundo da vida.

A TLD surgiu em 1978, na Escola de Educação de Pessoas Adultas de La Verneda de Sant-Martí, em Barcelona, Espanha. É uma atividade cultural, social e educativa, baseada na leitura de clássicos da literatura universal e no diálogo entre a palavra escrita e a visão de mundo de cada um, constituindo um processo gerador de aprendizagem e de superação da exclusão social e pode acontecer em diferentes espaços. É uma atividade que não tem prazo para acabar, assim que a leitura e o diálogo em torno de um livro terminam, podem-se começar outros livros. A continuidade vai depender do interesse e da organização do grupo participante, que pode ser autônoma ou apoiada por alguma entidade e mediada por qualquer pessoa interessada e que tenha se apropriado da metodologia da aprendizagem dialógica, podendo ser, inclusive, uma participante da tertúlia.

Atualmente, o projeto “Mil e uma Tertúlias” realiza-se com associações de bairros, grupos de mulheres, movimentos sociais, escolas de educação de jovens e adultos, associações multiculturais etc., em diferentes partes do mundo. No Brasil, o Núcleo de Investigação Social e Educativa (NIASE), formado por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), desenvolve ações de pesquisa, ensino e extensão, com diferentes práticas sociais e educativas, objetivando contribuir para a superação da exclusão social e educacional. A TLD é um dos projetos desenvolvidos pelo NIASE. A Confederação de Federações e Associações de Participantes em Educação e Cultura Democrática de Pessoas Adultas (CONFAPEA, 1999), da Espanha, difunde a TLD em núcleos já organizados. Por ser gratuita e se realizar com grupos em diferentes situações de exclusão, essa atividade de humanização por meio da arte busca a superação de alguns muros antidialógicos, impostos pela sociedade de um modo geral. A metodologia que orienta a TLD é a crítico-comunicativa, baseada no diálogo igualitário, que gera a criação de sentido a partir da leitura do mundo e da palavra.

Sobre a sua realização, Flecha (1997, p.17-18), a partir da experiência realizada na Espanha, pontua:

A tertúlia literária se reúne em sessão semanal de duas horas. Decide-se conjuntamente o livro e a parte a comentar em cada próxima reunião. Todas as pessoas leem, refletem e conversam com familiares e amigos durante a semana. Cada uma traz um fragmento eleito para ler em voz alta e explicar por que esse trecho foi especialmente significativo para ela. O diálogo se vai construindo a partir dessas contribuições. Os debates entre diferentes opiniões se resolvem apenas através de argumentos. Se todo o grupo chega a um acordo, ele se estabelece como a interpretação provisoriamente verdadeira. Caso não se chegue a um consenso, cada pessoa ou subgrupo mantém seu próprio ponto de vista; não há ninguém que, por sua posição de poder, imponha a concepção certa e a errônea.

Esse processo está fundamentado na aprendizagem dialógica, um conceito

que diz respeito a uma das maneiras pela qual ocorre o aprendizado. Tal conceito está pautado, fundamentalmente, nas elaborações de Habermas (1987) sobre a ação comunicativa e nas elaborações de Freire (1997 e 2001) sobre dialogicidade.

Ao contrário dos outros autores da escola de Frankfurt, que consideram a consciência localizada num ator solitário, Habermas (1987) a vê como resultado da interação linguística. Habermas reformula os conceitos de socialização e conservação da linguagem partindo do pressuposto de que os sujeitos capazes de linguagem e de ação interagem em busca de entendimento.

Assim, a perspectiva de submissão ou de independência dos sujeitos em relação aos sistemas, a partir das novas concepções de Habermas, é substituída pela perspectiva de complexidade e relatividade inerente a essas posturas.

Nesse mesmo sentido a obra de Paulo Freire também contribuiu para a construção do conceito de aprendizagem dialógica, elaborado pelo CREA¹. Freire trabalhou em ações educativas por várias décadas, com o objetivo de transformar os contextos sociais autoritários e exclusivos em contextos democráticos e mais igualitários. Análogo a essa postura pedagógica, que contempla teoria, ação e mudança, está o fazer poético e sua função social. Sobre este aspecto de resistência, inerente à poesia e muito estudado por Alfredo Bosi, em seu *O ser e o tempo da poesia*, a poeta Sophia Andresen (1977, p. 76) reflete:

É a poesia que me implica, que me faz ser no estar e estar no ser (...). É a poesia que torna inteiro o meu estar na terra. E porque é a mais funda implicação do homem, no real, a poesia é necessariamente política – e fundamento da política. Pois a poesia busca o verdadeiro estar do homem na terra e não pode por isso alheiar-se dessa forma do estar na terra que a política é. Assim como busca a relação verdadeira do homem com a árvore ou com o rio, o poeta busca a relação verdadeira com os outros homens. Isto o obriga a buscar o que é justo, isto o implica

1 Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades/Univesidade de Barcelona

naquela busca de justiça – que a política é. E porque busca a inteireza, a poesia é, por sua natureza, desalienação, princípio de desalienação, desalienação primordial. Liberdade primordial, justiça primordial.

Em uma visada que transforma em práxis tal relação entre poesia e política, Freire (2001) considera a palavra como veículo do diálogo, destacando a impossibilidade de haver dissociação entre reflexão e ação, para que a palavra não se torne vazia (apenas verbalismo ou ativismo). Freire (2001, p. 78) argumenta que a palavra verdadeira é aquela comprometida com a transformação e dita na interação entre as pessoas, de maneira igualitária:

Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais.

A relação dialógica, para Freire, implica um falar *com*, e não um falar *por* ou falar *para*, pois não se trata da conquista de uma pessoa por outra, mas sim de uma conquista do mundo pelos sujeitos dialógicos. Desta forma, segundo ele, as condições para a realização do diálogo são: o amor pela vida e pelos homens, a humildade e a fé nas pessoas – condições essas que estabelecem uma relação horizontal e de confiança entre os que dialogam. Freire (2001, p. 109) reafirma a relação dialógica como prática fundamental da natureza humana e da democracia quando diz que:

A relação dialógica – comunicação e intercomunicação entre sujeitos, refratários à burocratização de sua mente, abertos à possibilidade de conhecer e de conhecer mais – é indispensável ao conhecimento. A natureza social deste processo faz da dialogicidade uma relação natural com ele. Neste sentido, o antidialógico autoritário ofende a natureza do ser humano, seu processo de conhecer e contradiz a democracia.

Assim, a partir do contexto atual e dos conceitos desenvolvidos por Haber-

mas e Freire, comunicação, diálogo e educação apresentam-se como uma tríade transformadora das desigualdades sociais. Para traçar a relação entre essa tríade, o CREA elaborou o conceito de “aprendizagem dialógica”, que está presente nas investigações e nas ações sociais (e nelas as ações educativas) desenvolvidas pelo Centro, dentre as quais está a TLD.

A partir das elaborações de Flecha (1997), Valls (2000), Elboj (2002) e Sanchez Arouca (1999), a aprendizagem dialógica, segundo o CREA, tem os seguintes princípios: **diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças.**

O **diálogo igualitário** supõe que as falas e as proposições de cada participante sejam tomadas por seus argumentos com pretensão de validade e não pelas posições que ocupam (idade, profissão, sexo, classe social, grau de escolaridade etc.).

Flecha (1997, p. 24) apresenta os principais muros antidialógicos da sociedade, classificados em três grupos: os muros culturais, que desqualificariam a maioria da população, das pessoas incapazes de se comunicar em um contexto de saberes dominantes; os muros sociais, que excluiriam muitos grupos da avaliação e da produção de conhecimentos considerados importantes; e, por fim, os muros pessoais, que impediriam muitas pessoas de experimentarem a diversidade de seu contexto cultural, porque suas histórias geram autoexclusão. Portanto, para que se constitua a aprendizagem dialógica, há de se utilizar as habilidades comunicativas no contexto familiar, escolar, comunitário, estimulando uma participação social de forma crítica. Então, surge outro princípio da aprendizagem dialógica: o de **inteligência cultural.**

A inteligência cultural refere-se às aprendizagens desenvolvidas nos diferentes contextos de inserção dos sujeitos. Ela abarca a inteligência acadêmica, adquirida em contexto escolar, referentes a conteúdos e, em sua maioria, descontextualizados e voltados para fins não necessariamente compartilhados por todos os participantes. Há também a relação com a inteligência prática, desenvolvida no cotidiano, na resolução de problemas, no encaminhamento das relações interpessoais, no fazer que inclui o processo de tentativa e erro. Flecha (1997) identificou processos complementares da

inteligência cultural que emergem do diálogo igualitário na TLD. São eles: a autoconfiança interativa, em que os participantes do grupo reconheceriam, durante o encontro de TLD, as inteligências que possuem e a transferência cultural, que diz respeito à capacidade de transferir os conhecimentos adquiridos de um contexto para outro. Trata-se da criatividade dialógica, que pressupõe necessariamente a relação com o outro, como fonte de adequação e aprofundamento dos saberes prévios, necessários à aquisição de autonomia a cada novo contexto.

Nessa perspectiva, Andresen (1977, p. 76) contribui com a discussão sobre inteligência cultural quando trata do monopólio burguês da cultura. A poetisa o faz a partir da relação entre poesia e cultura:

E porque busca a inteireza, a poesia é, por sua natureza, desalienação, princípio de desalienação, desalienação primordial. Liberdade primordial, justiça primordial. [...] Se queremos ultrapassar a cultura burguesa – ou seja, o uso burguês da cultura – é porque vemos nele o reino da divisão, o fracasso da inteireza. Dessa unidade fundamental da liberdade e da justiça o poeta formou o seu projecto oposto à divisão. Sem dúvida grandes poetas nasceram e criaram dentro do mundo da cultura burguesa. Mas sempre viveram esse mundo como exílio e viuvez, como poetas malditos.

Assim, percebemos que caminhar para frente é emergir da divisão; é rejeitar a cultura que divide, separa o indivíduo de si mesmo, dos outros e da vida. Em diálogo com esse processo de resistência da poesia em relação ao mundo que fragmenta, está a preservação da inteligência cultural. Esta diz respeito à competência que todos nós temos de agir em diferentes situações e adaptar os conhecimentos a novos contextos, aprendendo a nos mover, a decidir, a nos comportar em um novo meio. Em um mesmo grupo de encontro, cada pessoa pode apresentar, por meio do diálogo, diferentes maneiras de pensar e se pôr diante de situações, construindo junto mais compreensões e possibilidades.

Outro princípio que estrutura a aprendizagem dialógica é a **dimensão instrumental**. Esta dimensão prevê que a valorização da inteligência cultural não é

negar o direito ao conhecimento técnico e científico. A aprendizagem dialógica, pelo princípio da inteligência cultural, não se opõe ao conhecimento acadêmico e sim ao uso ideológico deste tipo de conhecimento para deslegitimar os segmentos sociais pouco escolarizados. Subvertendo essa lógica de aparelhamento do conhecimento como fator de opressão, a TLD busca democratizar o conhecimento instrumental, reconhecendo que este não é neutro, e sim condicionado por interesses sociais em disputa, no contexto em que foi produzido. Nesse sentido, o conhecimento crítico é chave para participação social e desenvolvimento pessoal, porque permite a compreensão da realidade como uma construção social, com possibilidades de transformação, e a consciência do ser inacabado. Por isso, a TLD pode ser desenvolvida com pessoas de baixa escolaridade sem naturalizar essa condição, criando um ambiente para aquisição do conhecimento instrumental, durante a própria atividade, e estimulando os participantes a seguirem com sua formação escolar.

Essa perspectiva de diálogo igualitário, como meio de reconhecimento da inteligência cultural e de aprendizagem instrumental, gera as bases para a **transformação**. Ao compartilhar diferentes maneiras de sentir e analisar um texto ou resolver uma situação, por meio do diálogo que valida os argumentos, necessariamente, estabelece-se um processo de mudança: uma transformação interna, subjetiva e uma transformação externa, delineada em benefício de todos.

Assim, a **criação de sentido** emerge do processo de aprendizagem dialógica na TLD, uma vez que, pelo diálogo cada pessoa pode examinar as possibilidades, refletir criticamente sobre elas e fazer suas escolhas de participação. Diante do individualismo, da competição e da perspectiva de que é apenas o mérito pessoal que garante melhores condições de vida, a experiência comunitária perde força e, junto com a perda de sentido individual, torna-se uma marca de nosso tempo. O sentimento de pertencimento fica limitado a grupos de consumo, de produção, sem qualquer identificação cultural. Nesse sentido, a identidade coletiva não se constitui plenamente e o processo identitário do sujeito fragmenta-se, fragilizando-o. A TLD, por ser uma atividade coletiva regida pelo diálogo, permite gradativamente a cons-

tituição de vínculos identitários, fundados em valores humanos de **solidariedade**.

A solidariedade transforma-se, dessa maneira, em um elemento da aprendizagem dialógica, desde a interação pessoal até a grupal em contextos de exclusão social. Assim, na aprendizagem dialógica, outro princípio, o da **igualdade de diferenças**, liga-se à inteligência cultural, ao diálogo igualitário, à dimensão instrumental, à transformação, à criação de sentido e à solidariedade. É importante ressaltar que todos os princípios da TLD trazem uma dialética. A exemplo, o diálogo é qualificado de igualitário porque se reconhece que a comunicação é regida por um fluxo hierárquico, a criação de sentido pressupõe que há perda de sentido. Mas é o princípio de igualdade de diferenças que explicita essa dialética mais fortemente, ressaltando os processos de opressão social em que as diferenças de sexo, raça, idade, escolaridade, por exemplo, foram utilizadas para legitimar as desigualdades entre homens e mulheres, negros e brancos, idosos e jovens, analfabetos e acadêmicos, negando-lhes seus direitos sociais. Assim, a igualdade de diferenças que nega tanto a perspectiva homogenizadora da igualdade, quanto a perspectiva relativista da diferença, prevê a igualdade de direitos sociais para a dignidade de se viver sua diferença cultural.

Essa potência transformadora também se relaciona diretamente com o objeto literário que motiva o diálogo igualitário na TLD. A literatura – poética em sua natureza - promove a desalienação também pela fruição estética do texto. Nesse sentido, Bosi (2002) reflete sobre a sua práxis, ressaltando termos do método freiriano – “desalienação” e “participação” – como as molas mestras daquele diálogo com os proletários a partir de *Vidas Secas*. Assim, aponta como resultado a inclusão, no mais digno sentido da palavra, a partir do “ingresso voluntário no âmbito, em geral restrito, dos que debatem, projetam, decidem e agem” (BOSI, 2002, p. 193). Tal movimento de reflexão para a autonomia também pode ser conseguido pela poesia, no que se relaciona a unidade do ser, conforme ensaia a poeta Sophia Andresen (1977, p. 78):

Procuramos o coincidir do estar e do ser. Procurar a inteireza do estar na terra é a busca de poesia. Por isso rejeitamos o uso burguês da cultura que separa o cérebro da mão. Que separa o trabalhador intelectual do

trabalhador manual. Que separa o homem de si próprio, dos outros e da vida. E porque desalienar, conquistar a inteireza de cada homem é a finalidade radical de toda a política revolucionária, o projeto de uma política real é por sua natureza paralelo ao projeto da poesia. Mas olhando com atenção vemos que a tarefa específica da política é criar as condições em que a desalienação é possível. Em rigor, a política não cria a desalienação, mas sim a sua possibilidade. É a poesia que desaliena, que funda a desalienação, que estabelece a relação inteira do homem consigo próprio, com os outros, com a vida, com o mundo e com as coisas.

O método da TLD gera um espaço de diálogo igualitário e reflexão, a partir das diferentes e possíveis interpretações que derivam de um texto literário. A estrutura desse tipo de texto, segundo Candido (2004, p.147), ao contrário do que se pensa, possui um profundo valor de humanização. Nas palavras do estudioso:

Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção. De fato, quanto elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esses tijolos representam um modo de organizar a matéria, e que enquanto organização eles exercem papel ordenador sobre a nossa mente. Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo.

Assim, percebemos que a autonomia crítica dos participantes prevista na TLD é também ativada por tal organização nos níveis racional e sensível, durante a leitura. A força de uma obra literária deve-se a um hibridismo inerente entre a mensagem e a organização desta: “o conteúdo só atua por causa da forma e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere (CANDIDO, 2004, p. 147).

Dessa forma, além dos resultados da TLD, relacionados aos princípios citados e já mapeados pelo CREA, acrescentamos, aqui, aqueles relacionados à humanização pelo aspecto formal (o belo artístico) do texto literário. Sobre isso Candido (2004, p.158) ratifica:

Entendo aqui por humanização (já que tenha falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, **o senso da beleza**, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Sobre o caráter humanizador provocado pela forma do texto literário, o teórico cita como exemplo um poema abolicionista de Castro Alves. Ainda segundo Candido (2004), essa forma poética influencia pela eficácia de uma estrutura organizada, pelo valor do sentimento expresso, bem como por uma posição essencialmente política e humanitária. Trata-se de uma “literatura social” que satisfaz, em outro nível, a necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, impelindo-nos a uma tomada de posição diante deles. É esse tipo de literatura que resguarda a realidade política e humanitária, bem como os direitos humanos, partindo de uma análise do universo social a fim de corrigir as iniquidades deste. Nas palavras do estudioso (2004, p. 151):

(...) a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as

situações de registro dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. A organização da sociedade pode restringir ou ampliar a fruição deste bem humanizador.

Sob tal perspectiva, no contexto brasileiro, entendemos que a dura desigualdade de oportunidade está também relacionada à inacessibilidade da arte. Nesta realidade de classes, segundo Candido (2004), a possibilidade de conhecer e tirar proveito da leitura literária é incisivamente negada. Para a classe desfavorecida restam a literatura de massa, o folclore, a sabedoria espontânea, a canção popular, o provérbio. Estas modalidades, afirma Candido (2004, p. 152), possuem valor intrincável, porém, é grave entendê-las como suficientes para aqueles que, por causa da pobreza e ignorância, lhe é vetado o acesso às obras eruditas:

O Fausto, o Dom Quixote, os Lusíadas, Machado de Assis podem ser fruídos em todos os níveis e seriam fatores inestimáveis de afinamento pessoal, se a nossa sociedade iníqua não segregasse as camadas, impedindo a difusão dos produtos culturais eruditos e confinando o povo a apenas uma parte da cultura, a chamada popular. A este respeito o Brasil se distingue pela alta taxa de iniquidade, pois como é sabido temos de um lado os mais altos níveis de instrução e de cultura erudita, e de outro a massa, numericamente predominante de espoliados, sem acesso aos bens desta e, aliás, aos próprios bens materiais necessários à sobrevivência.

Sobre essa democratização da literatura ligada à humanização, destacamos a importância de tal relação quanto ao papel de cidadão que os educadores podem assumir para além dos compromissos acadêmicos.

Assim, acreditamos que só com a observância dos direitos humanos, em comunhão com a promoção do contato com arte literária – direito inalienável – podemos construir uma sociedade realmente justa e igualitária. A luta pelos direitos humanos, portanto, compreende também a busca pela equidade no acesso às diferentes formas da cultura. Assim, ao promover a “desalienação” e a “transformação”, a TLD aponta para o horizonte da utopia. Nas palavras de Bosi (2002, p. 201), o

sentimento que os unia naquela experiência de leitura era o de que “o possível é tão real quanto aquela mesquinha realidade que o conformismo da maioria decretara como a única possível”.

Sob tal perspectiva é que apresentaremos nossa prática da Tertúlia Literária Dialógica a seguir, com o desafio de didatizá-la e, conseqüentemente, socializá-la para que você, leitor/a, possa se tornar também multiplicador/a desta atividade cultural e educativa, com potencial humanizador.



Ilustração: João Borges

“A palavra é meu domínio sobre o mundo.”

(Clarice Lispector)

2. A Tertúlia Literária Dialógica na prática

*A questão está em como transformar
as dificuldades em possibilidades.*

(Paulo Freire)

Como já ressaltado, o objetivo da tertúlia é elevar e qualificar as fontes de aprendizagem de jovens e adultos, fomentando o entrelaçamento entre literatura e vida, por meio dos seguintes princípios: **diálogo igualitário, solidariedade, dimensão instrumental, criação de sentido, transformação e igualdade de diferenças**. A perspectiva é romper com os muros antidialógicos sociais, pessoais e culturais que restringem o acesso e o desfrute da literatura às elites, negando esse direito de cidadania à maioria desprivilegiada da população.

Nesse sentido, a TLD dialoga com os propósitos de uma formação integral e humana pretendida pelo Instituto Federal de Brasília (IFB) e pelo Programa Mulheres Mil, realizado por esta instituição. As atividades cultural e educativa foram viabilizadas no âmbito do programa, no *Campus* Taguatinga Centro, por meio de um projeto de Extensão, aprovado e financiado pela Pró-Reitoria de Extensão do IFB e atrelado ao grupo de pesquisa “Tertúlia literária dialógica em perspectiva” (CNPq).

O nosso projeto de extensão intitulado “Tertúlia Literária Dialógica: educação democrática de jovens e adultos a partir da leitura de obras clássicas da literatura”, que está sendo compartilhado aqui, teve como objetivo a democratização da literatura junto às mulheres matriculadas no Programa Nacional Mulheres Mil, nos cursos “Atendimento ao Cliente”, que atendia mulheres com ensino fundamental incompleto, e “Técnicas de Secretariado”, que se dirigia a mulheres com ensino fundamental completo, somando um total de aproximadamente 50 mulheres.

É importante ressaltar que concebemos este projeto como uma atividade de Educação de Jovens e Adultos, na perspectiva da educação ao longo da vida,

proposta pela UNESCO. Ou seja, para além da escolarização não realizada na idade prevista, a EJA compreende a diversidade de práticas educativas, que contribuem para que as pessoas possam desempenhar seus diferentes papéis sociais com autonomia e com ousadia de fruir cultural e artisticamente, em um contexto de sociedades tão complexas e letradas como as nossas.

2.1. As mulheres participantes: exclusão e silêncio

Dá-me a tua mão desconhecida, que a vida está me doendo, e não sei como falar - a realidade é delicada demais, só a realidade é delicada, minha irrealidade e minha imaginação são mais pesadas.

(Clarice Lispector)

As participantes desta TLD eram mulheres, entre 18 e 70 anos, em situação de extrema vulnerabilidade social e psicológica, moradoras de uma das regiões administrativas mais empobrecidas do Distrito Federal, a Estrutural. Trata-se de uma comunidade que nasceu concomitante à inauguração de Brasília, em 1960, fruto de um processo de ocupação urbana, em torno de um aterro sanitário. A ocupação foi iniciada por 30 famílias de retirantes, a maioria nordestina, que sobrevivia da catação de restos de comida e objetos descartados no aterro. O processo de ocupação da Estrutural foi marcado pela criminalização por parte do governo e pela violência, tanto entre os próprios moradores quanto entre estes e a polícia¹.

Esquecida pelo poder público por longos anos, apenas recentemente a Estrutural recebeu alguns equipamentos públicos, como Posto de Saúde, escolas,

¹ O **Museu do Sangue**, localizado na Estrutural, busca recontar essa história por meio de fotografias, filmes, entrevistas etc.

Centros de Referência em Assistência Social e Posto Policial. Mesmo assim, continua sendo a Região Administrativa de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do DF e grande parte de sua população ainda sobrevive da catação no aterro sanitário. Como alternativas a essa situação, diferentes formas de organização comunitária surgiram para promover a economia popular solidária, como, por exemplo, a moeda social “Conquista”, as Cooperativas de Materiais Recicláveis do Lixão da Estrutural, associadas à Central de Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis do DF e Entorno – Centocoop.

O mundo do trabalho no qual atuaram as mulheres que participaram da TLD inclui essas e outras formas de geração de renda. Algumas trabalharam no aterro, pelas cooperativas; outras eram vendedoras ambulantes, comercializando artesanatos produzidos por elas mesmas ou revendendo produtos de beleza de grandes empresas; outras prestavam diferentes serviços, como manicures, doceiras, empregadas domésticas etc. Entretanto, todas tinham dupla jornada de trabalho, acumulando o trabalho produtivo e o trabalho reprodutivo (doméstico) e, na maioria dos casos, eram chefes de família. Os parceiros, geralmente, desempregados e dependentes alcoólicos, muitas vezes as agrediam de diversas maneiras. Além disso, sofriam o preconceito racial por serem negras, algumas indígenas e migrantes nordestinas, o que as apartava dos seus direitos enquanto cidadãs.

Trata-se, portanto, de um grupo que sofria diferentes formas de desigualdade, que se imbricam e se potencializam reciprocamente. A instabilidade financeira era uma marca da realidade dessas mulheres, colocando-as em permanente insegurança e tensão em relação a sua capacidade de suprir as necessidades mais básicas da casa. Ao mesmo tempo, por serem mulheres, eram lesadas em sua integridade física e psicológica, sofrendo de uma violência que se acirrava diante da sua posição econômica, racial e da sua origem regional. Nesse contexto, elas acabavam tendo uma vida de muitas responsabilidades, sem amparo social para desempenhá-las com dignidade. Isso tudo afetava sua saúde, sua vida emocional e acabava por circunscrevê-las em uma autodepreciação, sem seus direitos garantidos e sua sensibili-

dade feminina respeitada. Enfim, o contexto as desumanizava e mesmo que muitas fossem líderes comunitárias, a maior parte ficava silenciada, sem se apropriarem do seu lugar de fala no mundo.

Apesar de um grupo delas ter a certificação em nível fundamental, muitas apresentavam um nível de leitura e escrita que se restringia à codificação e não abarcava a significação e apropriação da língua. É importante ressaltar que o letramento tem duas dimensões: a dimensão individual, que compreende os aspectos relativos ao processo de apropriação da base alfabética da língua escrita; e outra sociocultural, que se refere às possibilidades e variedades de uso da leitura e da escrita na vida social. É sob esta perspectiva que a TLD trabalha a dimensão instrumental, pois a atividade contribui para deslocar a relação com a leitura do código (codificação e decodificação) para a busca do sentido em situações significativas.

2.2 A Tertúlia Literária Dialógica e suas fases

Em nossa experiência, no Programa Nacional Mulheres Mil, a TLD aconteceu em três fases complementares:

QUADRO 2 – Fases do projeto de TLD no Programa Mulheres Mil

1. Mapeamento dos interesses, sonhos e saberes prévios das mulheres participantes.
2. Realização dos encontros para a roda de leitura e diálogo acerca das obras literárias.
3. Produção de obras literárias pelas participantes.

Conforme será possível observar, as fases 2 e 3 ocorreram concomitantemente. Em todas as fases sempre existiu uma preocupação com a dimensão instrumental do processo de leitura e escrita literárias, mas sem perder a articulação com os demais princípios.

QUADRO 3 – Relembrando os Princípios da Aprendizagem Dialógica

Diálogo igualitário – O direito de fala deve ser garantido a todos, de modo equitativo, independentemente da posição de classe, gênero, idade, raça que o falante ocupa. Os argumentos são apreciados em função de sua validade e não da posição de poder que ocupa o falante.

Inteligência cultural – A capacidade de aprender e de aprender de diferentes maneiras é uma característica própria dos seres humanos ao longo da vida; todos temos inteligência, que é cultural e, portanto, contextualmente situada. Assim sendo todas as pessoas são capazes de participar de um diálogo igualitário, contribuindo com seus conhecimentos e aprendendo mediante a interação dialógica.

Transformação – Esta maneira de aprender dialogando e valorizando tudo o que aprendemos ao longo de nossas vidas vai nos transformando. Sentimo-nos capazes de aprender muito e mais porque é um fato que comprovamos continuamente. Assim, mudamos o conceito que tínhamos de nós mesmos. Ao nos sentirmos diferentes, alteram-se as relações que tínhamos com as pessoas e com nosso entorno. Lendo, dialogando e refletindo, superamos as barreiras que nos excluía da educação e da participação social. Por meio da transformação pessoal, percebemos que somos capazes de nos organizar e participar de lutas mais amplas por transformação social.

Dimensão instrumental – O diálogo igualitário não se opõe à aprendizagem de conhecimentos mais acadêmicos e instrumentais, mas sim à exaltação destes como as únicas formas valiosas de conhecimento. Ao mesmo tempo, não se pode negar que são estes os tipos de conhecimentos que predominam na mediação e moldagem das relações sociais e institucionais na contemporaneidade; o conhecimento acadêmico é chave de participação social, política e econômica. Por isso, é necessário garantir que todos possam ter acesso à dimensão instrumental da educação, ressignificando os conhecimentos escolares a partir de suas experiências e necessidades e transformando-os em um instrumento para a autonomia.

Criação de sentido – Frequentemente, em nossa sociedade, temos a sensação de que há um sistema que determina nossas vidas, de que não somos capazes de definir e de conduzir nossos projetos de existência, pois nosso papel e destino já estão dados dentro de um padrão social marcado pela desigualdade, consumismo e violência. Só nos resta buscar uma melhor adaptação a esse sistema. Pouco a pouco ocorre a perda de sentido. Por meio da aprendizagem dialógica, o sentido ressurge, já que assumimos a condução de nossas relações interpessoais. É por isso que, nesta perspectiva, com os participantes, decidimos como queremos investigar e aprender.

Solidariedade – Os âmbitos de aprendizagem dialógicos são abertos à participação de todas as pessoas: não há nenhum tipo de obstáculo econômico, já que as atividades são gratuitas; também não há nenhum tipo de obstáculo acadêmico, pois se entende que todos podem ensinar e aprender a partir de suas inteligências culturais. Sempre se prioriza a participação daquelas pessoas que têm nível escolar inicial. A solidariedade interpessoal é transportada para a solidariedade social: mediante a interação coletiva, percebe-se que determinados problemas sociais acometem muitas outras pessoas e também que é possível lutar juntos/as para superar esses problemas e garantir direitos a todos.

Igualdade de diferenças – Este princípio prevê a igualdade social como um fator essencial à garantia da diversidade cultural e vice-versa. Isso significa o direito de ter condições objetivas de dignidade e de poder viver e pensar de maneira diferente.

Em todas as fases a atividade foi realizada fundamentalmente por uma equipe de trabalho composta por um mediador/animador cultural, um apoio e um relator, atuando para garantir que os princípios da aprendizagem dialógica fossem vivenciados pelas participantes da TLD. É importante lembrar que nenhum membro da equipe é hierarquicamente superior aos demais membros do grupo. Todos participam e desfrutam, em plano de igualdade, na TLD, ou seja, suas falas nunca se sobrepõem às de qualquer outro participante, sendo apreciadas pelo conteúdo e não pela posição de poder.

O papel de cada um, que compõe a equipe de trabalho, está detalhado no quadro a seguir.

QUADRO 4 – O papel de cada membro da equipe da TLD

MEDIADOR / ANIMADOR CULTURAL

Responsável por organizar a atividade, sempre em diálogo com o grupo, e por fazer as inscrições e distribuir as falas, após a leitura. As inscrições podem também serem feitas pelo apoio.

Primeiro critério: número de falas (fala primeiro quem ainda não falou).

Critério de desempate: pessoas que se encontram em maior desvantagem social, seja por questão racial, econômica, de gênero, de idade etc.

- O mediador deve ajudar o grupo a aprender o que cada pessoa não poderia aprender sozinha. Ele deve estimular que todos participem, pesquisem, dialoguem com seus familiares e amigos sobre os temas da tertúlia.
- Explicar aos participantes toda a metodologia da atividade e como esta se dará naquele contexto específico.
- Explicar que, quando chegar a sua vez de falar, devem destacar um trecho do livro - lendo-o em voz alta para o grupo e relacionando-o a algum momento da vida -, impressões estéticas ou sentimentos de identificação, de estranhamento, de dúvidas.
- Estimular a participação.
- Estimular a pesquisa.
- Estimular as expressões corporal, verbal, de formas concretas e abstratas.
- Estimular a contemplação do belo e a fruição artística.
- Conduzir a exploração do objeto livro, primeiras impressões.
- Organizar momento de informes no início do encontro.
- Combinar, ao final de um encontro, as atividades a serem realizadas em casa para o próximo encontro.
- Intervir com argumentos válidos, quando algum participante ferir os direitos humanos em sua fala.

APOIO

- Apoiar o moderador no desempenho de seu papel, anotando a ordem das falas, pesquisando, preferencialmente em um computador com internet, sobre temas históricos, geográficos, linguísticos etc. que surgem durante a TLD.
- Em se tratando do público de mulheres com pouco domínio da leitura, o apoio cumpre um papel fundamental de auxiliar as participantes no manuseio dos livros e do dicionário e na decodificação dos textos.

RELATOR

- Registrar as principais ideias dialogadas durante a sessão de tertúlia e ler os comentários ao final. Tal registro chamamos de memória, pois se trata da sistematização de todas as falas durante a discussão das páginas lidas, em terceira pessoa ou em primeira.
- Deixar claro para os/as participantes que a ausência de uma fala é uma perda para todo o grupo, pois só aprendemos com o corpo que temos e é na troca que a produção do conhecimento e de sentidos se dá.

OBS: *Qualquer pessoa pode atuar como mediador/animador cultural ou apoio, desde que assuma o compromisso de atuar conforme os princípios da aprendizagem dialógica. Nesse sentido, além da boa vontade, é importante estudo sobre o tema. No caso das tertúlias em sala de aula, o professor geralmente desempenha a função de mediador e solicita que os estudantes se voluntariem para atuarem como apoio e relator, mediante sua orientação. Neste sentido, o animador cultural e o apoio agem como uma dupla de educadores que trabalham na roda de tertúlia ao mesmo tempo em que dela participam. É importante que estes busquem se colocar numa relação de igualdade com os participantes, porém, sem se eximir do seu papel de educador. É nessa perspectiva que Freire pontua: "... o educador nem deve exacerbar, de um lado, sua presença, a tal ponto que a presença dos educandos seja um puro reflexo da sua, nem, de outro, se deve negar como se tivesse vergonha de ser educador." (FREIRE, 1984, p. 113). Na falta do mediador/animador cultural, a atividade segue normalmente, porque qualquer pessoa que tenha se apropriado desse papel, inclusive as/os participantes, pode desempenhá-lo. Isso vale também para o papel de apoio e de relatoria da memória.*

QUADRO 5 – O registro da memória dos encontros da TLD

A memória tem a função de realçar o diálogo igualitário como potencializador de aprendizagem, bem como de valorizar as contribuições de cada pessoa para a construção de um segundo texto, em que sua voz validada passa a estimular outras pessoas, que ainda não falaram, a acreditarem que seus pensamentos e sentimentos têm valor, arriscando-se a se colocar em um próximo encontro.

QUADRO 6 – A Dinâmica da TLD

Os encontros da TLD, propriamente dita, configuraram-se como uma roda de leitura em que os participantes se sentam em círculo e interagem, entre si e com a obra, a partir da seguinte dinâmica:

- o animador cultural abre um espaço de informes para que os participantes socializem notícias e questões que interessem ao grupo, pois a tertúlia também é um espaço de dinamização da vida comunitária;
- em seguida, o animador cultural abre o momento da leitura coletiva, incentivando fortemente os participantes para que leiam em voz alta um parágrafo, no caso de texto narrativo, ou uma estrofe ou grupo de versos, no caso de textos poéticos (nessa ocasião, aproveita-se para explicar o que é parágrafo, verso e estrofe). E lembra a todos que a leitura de cada pessoa deve ser respeitada no seu tempo e modo próprios. As pessoas com mais experiência leitora podem ajudar, juntamente com o animador e o apoio, os novos leitores. O animador cultural também deixa claro que, durante a leitura, os participantes devem anotar, em um caderno, as partes do texto que se relacionem às suas vidas, seja no que se refere a lembranças, seja no que se refere a reflexões, dúvidas, experiências, apreciação estética, intertextos com outras artes (explica-se o que é intertexto);

- ocorrem, então, as leituras. Se forem textos curtos, um conto ou uma poesia, estes devem ser lidos até o final, seguindo a ordem em que os participantes leitores estão sentados no círculo, sem interrupção. Se forem textos longos – um romance, novela, epopéia – a leitura segue ocupando um terço do tempo do encontro;
- terminadas as leituras, o animador abre as inscrições para os participantes que quiserem compartilhar os trechos destacados durante a leitura e que tenham relação com suas vidas. Ele estimula que todos falem. O apoio vai anotando a ordem dos falantes e auxiliando o animador a distribuir as falas: em primeiro lugar, aos que ainda não falaram e, em segundo lugar, como critério de desempate, àquelas pessoas que se encontram em maior desvantagem social devido ao gênero, raça, idade etc. É importante que esses critérios sejam acordados e lembrados antes de todos os encontros, até que os participantes se eduquem para o diálogo igualitário;
- caso os participantes comecem a extrapolar o tempo de fala, expressarem preconceitos e/ou autodepreciação, ou evadir-se muito do texto, destacando apenas suas próprias experiências, cabe ao animador ou ao apoio intervir, lembrando os princípios da aprendizagem dialógica, tanto para retomar a atividade em si, quanto para apresentar contra-argumentos – baseados em estudos legítimos – que problematizem tais posturas e estimulem os participantes a refletirem e pesquisarem mais sobre determinado assunto, desnaturalizando os padrões sociais que ferem os direitos humanos;
- caso surja alguma dúvida instrumental (vocabulário, conceito, lugar geográfico etc. desconhecidos), o moderador deve, em primeiro lugar, perguntar se alguém no grupo sabe com certeza responder à questão. Se ninguém souber, nem mesmo o animador ou o apoio, deve-se recorrer imediatamente a dicionários, internet, mapas. O importante é que os participantes tenham acesso à informação correta, no momento da dúvida, mas também que eles aprendam a buscar a informação;

- simultaneamente às falas, o apoio vai anotando todas as falas, em terceira pessoa, formando o que se denomina memória da tertúlia;
- momentos antes do final do encontro, o apoio lê em voz alta a memória. Esta deve ser escrita sempre em um mesmo caderno e, no cabeçalho de cada memória, deve-se anotar a data do encontro, os dados bibliográficos da obra e as páginas lidas;
- para fechar, é importante que o animador estimule os participantes a lerem algum trecho da obra em casa, que dialoguem com seus familiares, amigos e vizinhos sobre as questões emergidas da leitura e que realizem alguma pesquisa de temas relevantes para a compreensão do texto. Em todos os casos, ele deve orientar claramente os participantes como proceder, onde buscar informações etc. Em muitos casos, quando os participantes não têm o hábito da leitura, cabe ao animador sugerir momentos do dia em que a leitura pode ser prazerosa e discorrer sobre como e por que ela pode ser um momento de fruição e amor próprio.

A seguir, descreveremos alguns dos nossos encontros (e suas fases) de TLD, realizada no Programa Mulheres Mil, para exemplificar o que foi explicitado até agora. Cabe ressaltar, entretanto, que essas fases não correspondem a um receituário para a realização de tertúlias. Não são fases engessadas e já foram recriadas em relação à versão original de TLD, surgida na Espanha, e às experiências com a atividade no Brasil. O importante em toda a experiência de TLD, seja ela recriada ou parecida com a versão original espanhola, é garantir que os princípios da aprendizagem dialógica não se percam.

2.2.1. Primeira fase: mapeamento dos interesses, sonhos e saberes prévios das participantes

O mapeamento foi elaborado a partir de um instrumento pedagógico chamado *Mapa da Vida*, que faz parte da metodologia do Programa Mulheres Mil e que no projeto de extensão foi utilizado para direcionar todo o planejamento do trabalho de TLD realizado com as mulheres.

O Mapa cria a oportunidade e o ambiente para a troca de experiências de vida das mulheres, para que essas experiências possam ser compartilhadas e, então, devidamente registradas e valorizadas. O Mapa potencializa o sujeito como autor da história da sua vida, de seu grupo, instituição ou comunidade, ou seja, as experiências podem ser narradas e registradas por seus protagonistas. A construção do *Mapa da Vida* estimula pessoas a organizarem sua própria história numa cronologia, que possibilita a visualização e a apresentação de sua trajetória global. Por outro lado, coloca o sujeito diante da perspectiva de fazer escolhas e selecionar o que quer contar e registrar, revelando os fatos marcantes, as rupturas e as pessoas significativas da sua vida.

A partir da amplitude que esse instrumento proporciona, pudemos identificar os saberes prévios, os interesses das participantes e, conseqüentemente, os temas geradores, que as revelaram na sua condição de pessoa. Assim, além de tantas possibilidades de criação de sentido, durante todo o processo da TLD, o Mapa possibilitou o delineamento dos temas geradores, que também foram aportes para as opções de obras a serem escolhidas por elas. Tais temas geradores foram os seguintes: **mulher e autoestima, mulher e trabalho, a vida no interior e no meio rural, desigualdade social, discriminação racial e desejo de realização.**

QUADRO 7 - Como realizar o Mapa da Vida

A metodologia do mapa da vida poderá ser organizada da seguinte forma:

- distribuir cartolinas divididas ao meio, canetas coloridas, lápis de cor, jornais, revistas etc.;
- fazer uma reflexão filosófica sobre as três dimensões temporais da vida: passado, presente e futuro - tempos que se interpenetram;
- pedir para que as participantes distribuam esses três tempos na cartolina, numa ordem de priorização subjetiva, utilizando-se de maneira solidária dos materiais acima descritos;
- com música instrumental e tranquila ao fundo, conduzir a construção do mapa, estimulando individualmente o uso das imagens e da escrita para que a configuração daquele revele de fato seus sentimentos, experiências e expectativas;
- em seguida, pedir que cada participante apresente seu mapa para o grupo;
- se houver quadros de emoções muito fortes, o condutor deve equilibrar sua intervenção entre o momento de ouvir/acolher e dar o limite que será decisivo para que o participante não se perca no seu conteúdo inconsciente e possa se olhar a partir da integração da dor e não do vitimismo em relação a sua condição;
- o condutor deve fazer suas observações para a identificação dos interesses do grupo, também em relação às apresentações, pois as falas muitas vezes revelam mais do que foi configurado no mapa.

Ao final de um ciclo de tertúlia, este *Mapa da Vida* deverá ser retomado como parâmetro de avaliação do impacto da tertúlia na transformação da vida das mulheres, momento em que é importante construir um novo Mapa. Geralmente, o *Mapa da Vida* pode ser realizado em um encontro de 3 horas de duração.

MAPA DA VIDA



Foto 1: Confecção do mapa.



Foto 2: Auxílio do mediador na construção do mapa.



Foto 3: As três dimensões temporais.



Foto 4: Apresentação do mapa e anotações do mediador para subsidiar os trabalhos.



Foto 5: Análise do mapa inicial no final da TLD.

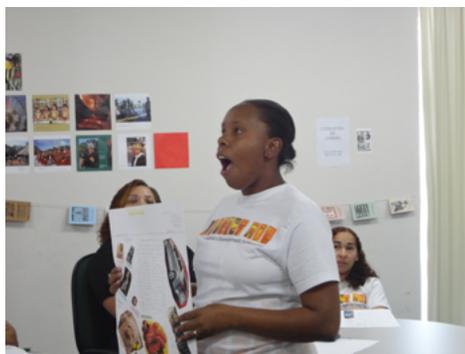


Foto 6: Apresentação do mapa final a partir da análise do mapa inicial.

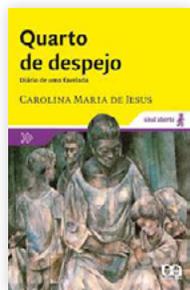
Após termos delineado, a partir do mapa da vida, os temas geradores, sentimos, então, que primeiro de tudo, para o início de um processo de empoderamento da sua condição feminina, deveríamos apresentar opções de obras que, além de trazerem tais temas, fossem escritas por mulheres. Sob tal perspectiva oferecemos as seguintes opções:



A duração do Dia, de Adélia Prado, por ser um livro de poesias que tratam de amor, desejos, frustrações, sonhos. Adélia apresenta temas frequentes em sua literatura: a vida provinciana, a religiosidade, o campo, refletindo sua própria vida.



Felicidade clandestina, de Clarice Lispector, por se tratar de uma obra de contos cujos temas revelam a complexidade das relações humanas e a possibilidade de autoconhecimento.



Quarto de despejo, diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, por se tratar de um diário de uma catadora de material reciclável, em que consciência crítica e profundo lirismo tecem os dias de sobrevivência e sonhos dessa mulher.



Poemas dos becos de Goiás e histórias mais, de Cora Coralina, por trazer questões do universo feminino em um contexto, muitas das vezes, rural, algo muito familiar às mulheres.

A escolha da obra deve ser feita por todas as pessoas participantes da TLD, a partir de um processo de diálogo igualitário, baseado em argumentos válidos e não em falas baseadas no poder, que determinadas posições sociais lhes conferem. Ou seja, não se escolhe por votação.

Além de contribuir para organizar esse diálogo, o animador cultural deve aportar informações sobre as obras e biografias dos autores e, no caso ideal, realizar pesquisas sobre tais elementos com as participantes da tertúlia. É importante que esse aporte ou pesquisa iniciais atentem para a dimensão poética da linguagem, dimensões histórica e filosófica da obra, bem como a relação entre a obra e a vida de autor.

No nosso caso, uma turma escolheu ler *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e a outra escolheu *Poemas dos becos de Goiás e histórias mais*, de Cora Coralina. Todo esse processo de escolha resguarda o princípio de criação de sentido da TLD.

Depois de feito o mapeamento dos interesses das participantes e a escolha da obra a ser lida, inicia-se a experiência de leitura e diálogo.

2.2.2. Segunda fase: realização dos encontros para leitura e diálogo acerca das obras literárias

A fim de didatizar o modo como os encontros da TLD se realizaram, em períodos de três horas cada um, nós nos remeteremos, primeiramente, à experiência de leitura e discussão sobre a obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e, em seguida, sobre a obra *Poemas dos becos de Goiás e histórias mais*, de Cora Coralina. Participaram da TLD, lendo o livro *Quarto de Despejo*, mulheres com ensino fundamental completo, e lendo o livro *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*, mulheres com ensino fundamental incompleto.

Em ambos os casos, o primeiro encontro foi destinado à contextualização da vida das autoras e das obras a serem lidas, bem como à exploração do objeto livro. Os demais encontros foram destinados à realização da tertúlia propriamente dita, conforme a dinâmica descrita no quadro 7.

Pode-se ainda incluir nesses demais encontros um momento em que os temas geradores, identificados no mapa da vida, sejam realçados por dinâmicas dialógicas baseadas em intertextos. Ou seja, o animador pode levar para esse momento poesias, frases, músicas e outros textos que tenham relação com a obra que está sendo lida na tertúlia. Pode, ainda, trabalhar as características do gênero literário que está sendo lido na tertúlia. Por exemplo, caso se trate de poesia, explorar os elementos constitutivos da poesia (sonoridade, imagem, ritmo); caso seja uma narrativa, explorar os elementos da narrativa (personagem, tempo, espaço e enredo). Em nosso caso, pudemos estudar todos esses temas com as participantes.

É importante ressaltar novamente que a metodologia da aprendizagem dialógica não pode ser encarada como uma receita, um método ortodoxo. O educador deve abrir sua sensibilidade para conhecer o contexto e os sujeitos participantes, podendo escolher, com maior pertinência, atividades, recursos, materiais e posturas que possam ser incorporadas à TLD, de modo a criar um clima propício para a fruição artística, a reflexão filosófica e política, a formação de um grupo de solidariedade entre todos os participantes.

Não se pode perder de vista que o objetivo da tertúlia não se encerra na atividade mesma, como um mero fazer ou um mero acesso à obra literária. Há de se apostar na leitura e diálogo coletivos como caminho ao direito à literatura enquanto processo de humanização. Nesse sentido, humanização não é apenas ter oportunidade de ler livros literários, historicamente restritos às elites, mas fazer dessa relação com a obra uma relação definitiva consigo mesmo e com os demais. Conforme Antonio Candido, a literatura tem essa capacidade de nos organizar e nos libertar do caos interno, a partir da forma literária, pois configura os nossos sentimentos e a nossa visão de mundo, nos aproximando uns dos outros.

Foi nesse sentido que, antes da leitura do texto propriamente dito, incluímos um momento que antecede a imersão na obra, o qual denominamos “momento intertextual”. Nosso propósito foi incrementar o contato das participantes com diferentes linguagens artísticas e mostrar que os textos, sejam eles musicais, poéticos, cinematográficos, plásticos etc. dialogam entre si e com a obra lida.

O instrumento de sistematização e planejamento do momento intertextual foi o diário de bordo da animadora cultural, que consistiu em um caderno no qual se descrevia o momento, além de anotações acerca de ideias, reflexões sobre a prática que pudesse ser aproveitada para animar a TLD, em especial no momento intertextual.

Após esse momento, seguimos com a realização da TLD e fechamos o encontro com os combinados para o próximo.



Foto 7: Animadora cultural fazendo os combinados para próximo encontro. *Fonte:* arquivo da TLD

2.2.2.1 - *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus



Foto: Carolina Maria de Jesus na comunidade onde morava



Foto: Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus, na ocasião do lançamento de *Quarto de Despejo*.



Foto: Carolina Maria de Jesus autografando *Quarto de Despejo*

Fonte: www.unegroriodejaneiro.blogspot.com.br

BIOGRAFIA

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) nasceu em 14 de Março de 1914, em Sacramento (Minas Gerais), cidade onde viveu sua infância e adolescência.

Foi filha de negros que, provavelmente, migraram do Desemboque para Sacramento quando da mudança da economia da extração de ouro para as atividades agro-pecuárias.

Descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, repórter da Folha da Noite, Carolina teve suas anotações publicadas em 1960 no livro, *Quarto de Despejo*, que vendeu mais de cem mil exemplares. A obra foi prefaceada pelo escritor italiano Alberto Moravia e traduzida para 29 idiomas. Em 1961, o livro foi adaptado como peça teatral por Edi Lima e encenado no Teatro Nídia Lícia, no mesmo ano. Sua obra também virou filme, produzido pela Televisão Alemã, que utilizou a própria Carolina de Jesus como protagonista do longa-metragem: *Despertar de um sonho* (inédito no Brasil).

Quanto a sua escolaridade em Sacramento, provavelmente foi matriculada em 1923, no Colégio Allan Kardec, primeiro Colégio Espírita do Brasil, fundado em 31 de Janeiro de 1907, por Eurípedes Barsanulfo. Nessa época, as crianças pobres da cidade eram mantidas no Colégio através da ajuda de pessoas influentes. A benfeitora de Carolina Maria de Jesus foi a senhora Maria Leite Monteiro de Barros, pessoa para quem a mãe de Carolina trabalhava como lavadeira. No Colégio Allan Kardec Carolina estudou pouco mais de dois anos. Toda sua educação formal na leitura e escrita advém deste pouco tempo de estudos.

Mesmo diante de todas as mazelas, perdas e discriminações, que sofreu em Sacramento por ser negra e pobre, Carolina revela, através de sua escritura, a importância do testemunho como meio de denúncia sócio-política de uma cultura hegemônica que exclui e oprime.

A obra mais conhecida, com tiragem inicial de dez mil exemplares, esgotados na primeira semana, e traduzida em 13 idiomas nos últimos 35 anos é *Quarto de Despejo*. Essa obra resgata e delata uma face da vida cultural brasileira quando do início da modernização da cidade de São Paulo e da criação de suas favelas. Face cruel e perversa, pouco conhecida e muito dissimulada, resultado do temor que as elites vivenciam em tempos de perda de hegemonia. Sem necessidade de precisarem as áreas de onde vem os perigos, a elite, que resguarda hegemonias, não suaviza atos e conseqüências quando ameaçadas por “gente de fora” (leia-se, “gente de baixo”). Essa literatura documentária de contestação, tal como foi conhecida e nomeada pelo jornalismo de denúncia dos anos 50-60, é hoje a literatura das vozes subalternas que enunciam-se, a partir dos anos 70, pelos testemunhos narrativos femininos.

Segundo pesquisas do professor Carlos Alberto Cerchi, *Quarto de Despejo* inspirou diversas expressões artísticas como a letra do samba “Quarto de Despejo”, de B. Lobo; como o texto em debate no livro “Eu te arrespondo Carolina”, de Herculano Neves; como a adaptação teatral de Edy Lima; como o filme realizada pela Televisão Alemã, utilizando a própria Carolina de Jesus como protagonista do filme “Despertar de um sonho” (ainda inédito no Brasil); e, finalmente, a adaptação para a série “Caso Verdade”, da Rede Globo de Televisão, em 1983.

Em São Paulo, foi empregada doméstica, auxiliar de enfermagem, artista de circo.

A escritora deu entrevistas, ganhou prêmios, apareceu na TV. Deixou a favela, recebeu as chaves da cidade. Mas seus livros seguintes não tiveram a mesma repercussão. Logo seria esquecida. Já não era favelada, mas morreu no barraco de um dos filhos.

O livro *Quarto de despejo* vendeu 10 mil exemplares em uma semana. Contradição: no dia do lançamento, teve de catar papel para garantir comida.

Em maio de 1958 o repórter Audálio Dantas chega à favela para cobrir a inauguração de um parque infantil. Fica intrigado com a mulher (Carolina Maria de Jesus, no caso) que ameaça bêbados sobre os brinquedos: “Se não saírem daí, vou colocá-los em meu livro!”. Foi ele quem promoveu a publicação de *Quarto de Despejo*.

A obra de Carolina Maria de Jesus é um referencial importante para os Estudos Culturais, tanto no Brasil como no exterior.

Carolina foi mãe de três filhos: João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima.

Faleceu em 13 de Fevereiro de 1977, com 62 anos de idade e foi sepultada no Cemitério da Vila Cipó, cerca de 40 Km do centro de São Paulo.

Fonte:

[http://arquivo.geledes.org.br/patrimonio-cultural/literario-cientifico/literatura/23822-
hoje-na-historia-14-de-marco-de-1914-nascia-carolina-maria-de-jesus](http://arquivo.geledes.org.br/patrimonio-cultural/literario-cientifico/literatura/23822-hoje-na-historia-14-de-marco-de-1914-nascia-carolina-maria-de-jesus)

1º ENCONTRO

No primeiro encontro da TLD se estimula que os participantes conheçam o contexto da obra e da vida da autora a ser lida, tomem o primeiro contato com o objeto livro e dialoguem sobre as primeiras impressões em relação à obra. É importante também combinar o próximo encontro.

a) Contextualizar a obra a ser lida e a vida da autora

O objetivo de contextualização pode ser atingido de diversas maneiras: pesquisas pelos próprios participantes, informações agregadas pelo animador cultural e de diálogo com especialistas, desde que a participação destes especialistas ajude a ampliar os princípios da TLD, ou seja, a ideia não é reproduzir o discurso competente e sim ampliar a rede de referência dos/as participantes.

No caso da TLD com esta obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, para o primeiro encontro de contextualização, convidamos a pesquisadora de mestrado da UnB, Djeane Barros Carvalho, que, além de estudar a obra de Carolina Maria de Jesus, é também uma mulher negra e foi de classe popular, tendo sofrido as mesmas privações socioeconômicas e desvantagem de gênero que as participantes da TLD. Portanto, ao convidá-la, tivemos o intuito de alargar a referência e o horizonte de expectativa das participantes, enquanto mulheres negras, conquistando espaços de formação e atuação profissional. Para isso foi importante deixar claro às participantes que a história de superação de Djeane foi uma conquista solidariamente construída em redes de apoio mútuo. A ideia de esclarecer foi a de fugir do discurso meritocrático, que individualiza o sucesso e o fracasso como se fossem responsabilidade única de cada indivíduo, independente da estrutura social desigual em que vivemos.

Em uma linguagem familiar às mulheres, Djeane aprofundou as questões biográficas de Carolina Maria de Jesus, que já haviam sido sucintamente apresentadas pela animadora cultural no momento de escolha da obra. Ela apresentou aspectos da vida e obra de Carolina Maria de Jesus, sob perspectiva crítica.

Em seguida, dialogando com as participantes, Djeane comentou sobre o valor estético da obra de Carolina, conferido por diferentes pesquisadores. Ela ressaltou que a crítica literária não reconheceu o valor estético de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, sendo considerado, na época de sua publicação, apenas como um documento de valor histórico e sociológico. No entanto, mais tarde, os mesmos críticos perceberam a grande obra literária de Carolina Maria de Jesus, por apresentar teor crítico e autorreflexivo da escritora-narradora-personagem; por trazer, em sua forma, conteúdo atemporal e universal, ainda que parta de um tempo determinado, previamente datado, e de uma realidade local; e, também, por conter elementos de conflitos típicos das questões universais do ser humano.

Ao longo dessa exposição, a animadora cultural auxiliava Djeane a aproximar aquelas informações literárias à realidade das participantes, por meio de exemplos e comparações.



Foto 8: Vida e obra de Carolina Maria de Jesus – apresentada pela pesquisadora Djeane.

Fonte: arquivo da TLD

b) Tomar o primeiro contato com o livro

Após a exposição feita por Djeane, a animadora cultural e o apoio distribuíram um exemplar da obra e um marcador de livro para cada participante.

Tendo em vista que elas não tinham intimidade com o objeto livro, foi necessário explorar didaticamente a estrutura dos elementos pré-textuais, textuais e os aspectos semióticos do livro: capa - destacando as imagens e cores -, orelha, contracapa, sumário e prefácio - destacando a função destas partes do livro e a natureza dos textos que as compõem.

É importante que essa exploração seja conduzida pelo animador cultural por várias vezes durante a tertúlia, até que as participantes ganhem familiaridade com o livro.

c) Diálogo sobre as primeiras impressões da obra

Os diálogos sobre as primeiras impressões da obra não aconteceram de forma estanque, pois permearam os dois momentos anteriores do encontro. A animadora cultural fazia algumas intervenções tentando relacionar as falas da pesquisadora com questões lançadas às mulheres, para estimular todas a participarem da conversa e formularem outras questões.

Conforme a interação foi ficando animada e as participantes se empolgavam com a fala, o apoio interveio na organização das falas. Como a atividade ainda estava se iniciando, não foi possível programar tal organização seguindo todos os critérios de distribuição de falas, que favorecem o diálogo igualitário. O apoio organizou as falas apenas para que todas não falassem ao mesmo tempo.

Desde esse momento, a criação de sentido já emergiu, na medida em que as participantes se identificaram com a autora, cuja obra começariam a ler. Tal identificação foi se aprofundando à medida que a leitura da obra avançava.

d) Combinados para o próximo encontro

A animadora cultural, explicou para as participantes que os livros eram provenientes de um projeto de extensão e que poderiam ser levados para casa, com o devido cuidado. Elas ainda foram estimuladas a lerem o prefácio, anotando dúvidas ou partes significativas do texto para serem compartilhadas no próximo encontro.

2º ENCONTRO

A partir do segundo encontro, inicia-se a TLD propriamente dita que, conforme nossa experiência, se realizou em três momentos.

a) Momento intertextual

Como o nosso grupo de participantes era exclusivamente de mulheres marcadas, na sua grande maioria, pela violência de gênero e nossa intenção era despertar reflexões sobre o ser mulher, iniciamos esse encontro acolhendo-as em um contexto musical e poético. Com a música ao fundo, “Olhos nos olhos”, de Chico Buarque, cuja obra apresenta um eu poético, na sua maioria, feminino, escrevi² na lousa a reflexão de Guimarães Rosa sobre mulher e sexualidade: “A mulher que não é fêmea nos fogos do corpo, essa é que não floresce de alma nos olhos e é seca de coração”. Além de discutirmos a questão do feminino que tematiza tal máxima, aproveitei para explicar o que é metáfora a partir desse trecho. Em seguida as participantes deram outros exemplos de metáfora, além de colocarem várias questões

2 Este momento intertextual sempre foi conduzido por mim, Jane, que às vezes, durante o livro, inevitavelmente me colarei em 1ª pessoa.

suas em relação ao feminino machucado e/ou o feminino sadio.

Em seguida, relembrei a dinâmica da roda de leitura na TLD e iniciamos a leitura de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e o diálogo em torno das páginas lidas.

b) Momento da TLD



Foto 9: Momento da leitura. *Fonte:* arquivo da TLD.

O momento da TLD foi conduzido conforme o quadro 7. Segue, então, a memória do diálogo sobre a obra.

Obra: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Átila, 2010

Páginas: 10 primeiras páginas

Animadora: Jane

Apoio: Ana Paula

Monitores: Nilson e Lucineide

- Todos reclamam de seus filhos, dormia e acordava, não tinha sossego. A situação em que vivia ocasionou todas as desavenças com os vizinhos. A falta de televisão, de brinquedo, de condição provocava fofoca e intriga entre os vizinhos.
- A vida inteira levou seus filhos à escola, ouvia radio todos os dia, sentia amor pelos filhos, principalmente pela Vera Eunice a quem tinha o desejo de presentear. Ficou emocionada pelo carinho e amor que demonstrava pelos filhos e como defendia e trabalhava para não eles não passar fome.
- O desespero toma conta quando o dinheiro não dava para suprir as necessidades. Sentiu-se como uma Carolina, pois catava, lia e buscava água de madrugada para conseguir água do caminhão pipa, onde havia brigas até de facas para conseguir a água, para suprir as necessidades.
- Leu o livro em dois dias, se sente a própria Carolina, ressalta que mesmo na ignorância, Carolina sabia se expressar, chegando em casa, sabia resolver os problemas, mesmo quando os vizinhos não os deixava dormir.

- Carolina não estudou muito, ainda assim conhecia os grandes autores, mesmo na miséria sabia se expressar bem. Quando se mora em favela é confundido com bandido, faminto ou ladrão. Percebeu que seu trabalho era sempre à noite, vivia com muita fé na esperança de conseguir uma casa de alvenaria. Despertava inveja das mulheres casadas, pois não precisava de esmola e nem apanhava de maridos como as casadas.
- Mesmo com pouco estudo sabia se comportar bem, conhecia a vida dos políticos, apesar de morar na favela, tinha a riqueza do conhecimento.
- Quando chegava em casa falava com os filhos, sentia a alma sossega quando lia. Quando podia pagar as dívidas se sentia aliviada, declarando responsabilidade, amor e alegria pelos filhos que eram suas jóias.
- Esperava por alguém, não veio. Fazia a ablução na esperança de ter alguém. Quantas vezes já viveu isso? Mas não pirava, tomava melhora e dormia, vivia sempre o presente, o momento real. Quando acordava via a beleza do sol, pois tinha a poesia como alegria para viver.
- Declarou que tomava uma pinga e pensava nos filhos, se fosse para sair do seu bolso, não bebia. Quando Carolina faz o que eles não gostam, eles não comem.
- Criança tem que ter respeito, não é apedrejando, nem xingando que serão educadas.
- Sempre priorizava os filhos, em momento algum ela se desvalorizava, tem certo zelo pelos filhos, mantinha a postura de mulher.
- Rico prefere jogar comida fora a dar aos pobres.
- Achou ela muito honesta, não baixava a cabeça para nada, ela queria ter conforto, viver bem, mas ficava só na vontade.
- Ela retrata a maldade humana e mesmo assim diz que não guarda magoa.

- A busca constante de comida, o pão de cada, faz se lembrar de sua casa, quando faz as coisas para agradar os filhos. É gostoso olhar na carinha das crianças e sentir a alegria deles.
- O livro é a melhor invenção do homem, Carolina sente-se acompanhada, nunca está só, tem cumplicidade, tem alguém que a entende.
- Carolina sempre dormia tranquila depois de uma leitura, tinha um olhar amplo sobre o mundo.
- Diz que é o contrário, acorda com mau humor, Carolina fica meses olhando o sol, ela acorda com uma esperança de um dia inteiro para viver.
- Deixou de ganhar os cruzeiros dela por causa da maldade humana, pobre não gosta de ajudar pobre.



Foto 10: Apoio lendo a memória ao final da TLD. *Fonte:* arquivo da TLD

c) Momento de combinados para próximo encontro

Como *Quarto de Despejo* nos apresenta o contexto da década de 50, estimulamos as mulheres, depois da leitura da memória, a pesquisarem em casa sobre esse período, entrevistando pessoas e/ou pedindo aos filhos que as auxiliassem a pesquisar na internet. A proposta foi a de que elas pudessem conhecer tal período político, econômico e cultural pelo qual passava o país e como esse contexto era sentido pelos cidadãos da época. O animador cultural deve sempre lembrar que a TLD tem entre os seus princípios a produção do conhecimento instrumental. Nesse sentido, deve ficar atento ao conteúdo que as obras trazem, para propor coerentemente a pesquisa que o apoio pode fazer durante a TLD e que o participante pode fazer em casa.

3º ENCONTRO

a) Momento intertextual

Iniciamos este encontro abrindo espaço para que as mulheres apresentassem o resultado de suas pesquisas sobre a década de 50, época em que Carolina Maria de Jesus escreveu *Quarto de Despejo*. É importante que o animador estimule os participantes a falarem em público, com segurança, para apresentar suas ideias. O resultado das pesquisas socializado no grupo foi muito rico. Discutimos sobre a construção de Brasília, que também aconteceu na década de 50, e os contrapontos entre a história oficial contada pela elite e os excluídos, que construíram a capital com a sua força de trabalho. Falamos sobre a difusão da TV, que aconteceu nessa década, e de como este veículo de comunicação privilegiou os brancos como os protagonistas de todo o processo de construção da nação. Assim, pudemos fazer as relações desse período com o diário de Carolina Maria de Jesus.

b) Momento da TLD



Figura 11: Momento da leitura. *Fonte:* arquivo da TLD

O momento da TLD foi conduzido conforme o quadro 7. Segue, então, a memória do diálogo sobre a obra.

Obra: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Átila, 2010

Páginas: 10-20.

Animadora: Jane

Apoio: Ana Paula

Monitores: Nilson e Lucineide

- Ela queria se tornar uma pessoa melhor, gostava de tratar bem as crianças e a forma como ela descrevia a favela é como um quarto de despejo.
- Ela não conseguiu catar papel, ela não gostava de catar papel, então, ela fingia que estava sonhando.
- Ela se sentia mal quando chovia, pois em dias de chuva não tinha papel para catar.
- Quem come cabeça de porco, olha só, não tem praticamente nada. Seus filhos estão sempre sentindo fome. Por que a comida nunca sacia a eles?
- A fome faz comer de tudo porque a fome dói.
- Quando ela fala que a Leila e o Arnaldo brigam muito e que pela manhã quando ia pegar água, as pessoas brigavam às vezes com peixeira na mão, lembrou do tempo que ia pegar água no caminhão pipa na Estrutural. Lá as pessoas também brigavam e de madrugada tinha um cara que tomava banho na caixa de água.

- A parte em que ia comprar tábuas para colocar os livros em cima pareceu a sua história de vida na Estrutural, pois também passou por necessidade parecida. As dificuldades cortam o afeto do povo pelos políticos, quando ela estava com fome tinha vontade de matar, pois os políticos só procuram as pessoas pobres na época de eleição, depois deixam a Deus dar.
- Carolina se mostrava uma mulher fragilizada, mas muito humana, relata sua verdade plena, falava o que pensava, por mais que amasse os filhos, ela admitia que às vezes era difícil aguentar aquela vida de sofrimento. Ela fala na situação financeira, não teria filhos com a cabeça que tem hoje, pois filhos são grandes responsabilidades que se carrega até o fim da vida. Quando o filho faz qualquer coisa errada a culpa é sempre da mãe.
- Quando ela andava pelas ruas, sonolenta, as pessoas acham que estava com fome devido aos trajes que usava. O livro de Carolina de Jesus é muito rico, ele engloba cada uma nós no seu texto.
- A criança, de tanto passar fome, pediu a mãe para ser vendida para uma família rica onde tivesse comida boa. Os filhos pediam café e não tinha, a situação estava cada vez mais dura. Quando não se tem café para dar aos filhos é muito triste.
- Ela sonhava e imaginava que estava em outro lugar, num palácio, mas, em um passe de mágica, quando acordou, olhou o céu e percebeu que ainda pisava na lama. Trouxe uma reflexão da classe mais sofrida da sociedade.
- Falou que sua mãe era igual Carolina, ia ao açougue e pegava ossos para fazer sopa.
- Estudava em outra cidade, ficava o dia inteiro fora, quando se tem fome saliva-se o tempo todo, na verdade não sabia se sofria de fome ou de vergonha. Era nova e tinha vergonha de levar marmita, essas coisas de adolescente, sempre se cobrou muito.
- Parece que o destino já carimbou ela para passar fome, quando recebia pão e leite era mais fácil, pela história dela pode se ver que ela teve muito dificuldade.
- Uma ajuda é sempre muito bem vinda, hoje é mais fácil conseguir ajudar, hoje é mais fácil conseguir ajudar devido à politicagem.

- Estava no fundo do poço, mesmo assim não era uma pessoa que se trancava no abismo, estava lá por uma condição desprivilegiada, mas nunca se rendeu, seu maior ato revolucionário era ser alegre.
- Em dias chuvosos é mais difícil sair para trabalhar no lixo. Recordou da mãe que catava verduras e frutas na feira, para levar o sustento aos filhos.
- A perda da mãe gerou impulso de suicídio em uma jovem, que foi ajudada por vizinhos.
- Ela assim como a Carolina Maria de Jesus, crê que quem não se suicida, mesmo em condições tão difíceis, é uma heroína. Em vez de comprar pão, comprou carne e o gato comeu. Voltou para comprar pão, mas novamente se esqueceu e comprou sabão, no meio do caminho lembrou-se do pão. Ficou repetindo a palavra e conseguiu, enfim, comprou pão, fez a compra correta.
- A literatura da Maria Carolina de Jesus é muito forte, a vida dura leva ao desespero e não se suicidar é maravilhoso. A fome é terrível, muito dura, mas a sabedoria de Maria Carolina de Jesus ajuda a driblar a vida precária que ela tinha.
- Lendo Carolina, vê que a própria vida é boa. Mudou o olhar para os catadores e moradores a partir da leitura do livro.
- Tem duas filhas, uma vive melhor, outra tem dificuldades e vive sozinha com 3 filhos, mas a que tem melhores condições de vida sente-se superior, apesar de depender da mais pobre para muitas coisas, como por exemplo organizar aniversários.
- O Ser Humano pode ir do melhor ao pior. O comportamento humano pode ir da maior crueldade à melhor bondade.
- Fez reflexão sobre o significado da esmola.
- O rico sempre enriquece a custa do trabalho dos pobres.
- Medita sobre o comportamento caridoso do marido, que não faz caridade com o pior e sim com o melhor. Relata sobre o modo como o comportamento do marido repercute na vida dos vizinhos que têm fome.

- Lembra que a pessoa se ajuda para ser ajudada, é a solidariedade.
- Apresenta lembranças da infância, quando também pedia esmola como Carolina. Foi à padaria pedir pão e sofreu assédio sexual. Não quis mostrar os peitos para o padeiro e por isso não conseguiu o pão.
- Em Brasília, para sobreviver, trabalhou no lixão e como doméstica, a patroa era muito miserável, a repreendeu porque ela comeu uma banana. A patroa dizia que para conseguir algo na vida precisa limitar-se a comer apenas chuchu e arroz. Relata que já comeu apenas farinha e rapadura. Fala sobre o filho “pão duro”.
- Recordação de quando mudou para a Estrutural às 2h da manhã. Bateram palma, pedindo comida, ela deu a comida e o pedinte devolveu as vasilhas apenas no outro dia, mas lavadas surpreendendo a ela.
- Relata sobre o pai na Bahia e sobre as brincadeiras “é tudo meu”. O pai pregava uma peça na garota que sempre pegava suas comidas, a garota bateu no pai.
- Carolina se orgulha de ser negra, apesar de sofrer muitos preconceitos, a consciência crítica e o amor próprio é que ajuda Carolina a superar a vida dura.
- Relata sobre concurso para o ingresso no IFB, em que a aula foi sobre a questão da diversidade cultural. Ela diz que usou a questão dos cabelos afros, a partir de propaganda de xampu, música de Chico Cesar, “Respeitem meus cabelos, brancos” e poesia de Elisa Lucinda “Ashell, Ashell”. Fala sobre preconceitos contra o negro incorporados pelas crianças e por adultos, quando os próprios negros não se acham valiosos devido a sua cor, falta de apreciação da própria cultura por causa do preconceito sofrido. Fala também sobre a necessidade de se educar as crianças para a valorização dos negros, tanto em casa quanto na escola.
- Ela disse empolgada: “hoje aprendi uma palavra nova, eu me identifico, eu me amo. Gosto do livro porque ela escreve sem se preocupar, do jeito que a gente entende, sem palavras difíceis”.

c) Momento de combinados para próximo encontro

Após a leitura da memória, combinamos que todas as participantes, inclusive a animadora, apoio e monitores, leríamos as próximas cinco páginas do livro em casa, destacando trechos que se relacionassem com nossas experiências mais amplas. É importante ressaltar aqui que o mediador de Tertúlia deve planejar o tempo de leitura da obra escolhida dividindo-o entre tempo presencial com o grupo e tempo de leituras individuais. Neste último caso, no encontro seguinte, é necessário que a discussão das páginas lidas e a memória sejam realizadas normalmente.



Foto 12: Animadora cultural fazendo os combinados para o próximo encontro.

Fonte: arquivo da TLD

4º ENCONTRO

a) Momento intertextual

Iniciei o encontro apresentando ao grupo a asserção de Czeslaw Milosz: “Em sua essência, a poesia é algo horrível: nasce de nós uma coisa que não sabíamos que está dentro de nós, e piscando os olhos como se atrás de nós tivesse saltando um tigre, e tivesse parado na luz, batendo a cauda sobre os quadris”.

A partir dessa frase, discutimos o momento poético contido no ato de escrever e falamos sobre o paradoxo que o sentido do texto traz.

b) Momento da TLD



Foto 13: Participantes, espontaneamente, vieram para o encontro, caracterizadas como a escritora Carolina Maria de Jesus. Eu, no centro, por acaso estava vestida igual a elas. *Fonte:* arquivo da TLD.

Como havíamos combinado de ler um trecho do livro em casa, abrimos este momento do encontro perguntando às participantes se realmente elas haviam conseguido fazer a leitura. A resposta foi negativa, porque, segundo elas, a vida atribulada, com o trabalho e outros compromissos, dificultara que cumprissem o combinado.

Então, lemos as partes indicadas para a leitura em casa e mais algumas páginas no próprio encontro, seguindo com o diálogo típico da tertúlia, conforme a dinâmica descrita no quadro 7. Segue, então, a memória do diálogo sobre o lido.

Obra: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Átila, 2010

Páginas: 20-35

Animadora: Jane

Apoio: Ana Paula

Monitores: Nilson e Lucineide

- Isso mexeu com a sua estrutura por se lembrar da fome que já passou, tudo lembrava comida. Toda reunião tem que ter comida. Seus filhos estão sempre com fome, tem quatro filhos, essa é a preocupação de ter o que comer. Se identificou com a história dela pela dificuldade de ter o que comer, pelo que passou teve uma grande lição, se viu passando por todas as dificuldades, que só foram aumentando com o tempo, só que, graças a Deus, hoje está melhor. Não gosta de desperdício.
- Lembra dos políticos pela ilusão que eles causam às pessoas, pelas mentiras que eles falam para conseguir seus votos, da falta de consciência dos políticos com o cidadão que lhes dão votos. As notícias aparecem rápido em todos os lugares, as notícias estão voando, preocupação com os filhos que estão fora de casa. Lembra do local onde mora, pela discriminação, por carregar a culpa de tudo errado, só por morar em um lugar humilde, revolta-se por ser discriminada, revela atitudes equivocadas de uma professora dela.
- A realidade vivida por Carolina é identificada com a sua história: vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Um homem que correu atrás de uma mulher e ainda sobrou para ela.

- Já costurou para fora, mas parou porque não recebia, tem um padrinho juiz, não tem receio de morar naquele local, não tem medo de reivindicar seus direitos. Carolina conseguia passar para seus leitores as coisas da realidade com uma linguagem poética mesmo com toda miséria em que ela vivia, conseguia ter ilusões boas, bonitas, ela tinha sensibilidade para ver as coisas, as situações difíceis.
- No início achou engraçado o que leu sobre Carolina. Veio de uma vida carente também. Carolina vivia do que os vicentinos davam. Lembra que, como Carolina, também não tinha sapato, só um, e ele tinha que secar no mesmo dia, um dia ele ficou com manchas de sabão e ela pegou uma chuva, quando chegou na escola seus pés pareciam balde com sabão.
- Falou: “depois explico! Tem coisa que não se explica, acontece e fica”. Se identificou com ela que escreve “iducado”, ao invés de educado. Relata que sua vida foi pobre, carne era só no final de semana. Diz que a história de Carolina é parecida com a dela. Assim que se casou, teve filho, engravidou de novo. Tinha que acalentar o bebê e não tinha nada para comer. A vizinha batendo no seu portão: “Você tem uma cebola?”, ela responde: “Se eu tivesse comia crua.”
- Na rua que morava tinha umas mal-amadas, como no trecho que Carolina fala de mau-olhado, elas a olhavam assim. Quando morava em Goiás comia torta de abóbora. Vinham pessoas do centro espírita. Diz que tinha uma família até feliz, seu pai virou alcoólatra, sua mãe largou dele e virou pai e mãe.
- Lembra que na sua rua é difícil a relação com seus vizinhos. Vão reclamar dos seus filhos, os vizinhos sempre vão reclamar, todo mundo tem suas portas, mas eles faziam o gol na sua porta. Até que paravam de jogar. Tem dois filhos que gostavam de bola, a pracinha perigosa, então, é melhor ficar na rua jogando.
- Diz que também já passou por isso. Já chegou a catar latinha, no seu momento era para a fome. Ela catava latinha no Guará, vinha andando até a Estrutural e vinha pedindo que o dinheiro desse para comprar comida.
- Relata que, assim que eu chegou em Brasília, foi montar seu acampamento.

- Quando a mãe marcava médico iam os sete filhos, ela não deixava faltar os remédios de vermes. Ela batia mastruz com leite. Enfatiza que não aguenta mais mastruz, não suporta mais. Diz: “a gente envelhece e não esquece, tínhamos trauma do mastruz, porque a gente sabia que o verme saía pela boca, horrível! Eu pensava: não vou fazer cocô. Meu pai ia me ajudar. É meio nojento, mas é verdade. Eu morei com a minha tia, ela dava mastruz com leite e água, era horrível. Quando eu era criança, fui adotada, sou mistura de negro com índio, minha mãe dizia para todo mundo: “Ela é minha filha, não é negra”. A mãe não tinha preconceito, cuidava de vários filhos de todas as cores, aquele homem sempre a chamava de preta, mas sua mãe a defendia: “Ela não é negra, é minha filha”.
- Diz que morava com a irmã. Realça o trecho do livro que fala na época que vinha muito feijão na cesta, agora sobra o fubá, agora o feijão é mais caro. Diz que o pai do Miguel (bebê de colo dela) foi embora quando estava grávida, isso aumentou as despesas. Relata que tem mais dois filhos que os pais ajudam. Reafirma que pai do Miguel sumiu e diz: “talvez o Miguel nunca conheça o pai!”. Quando foi ao fórum viu que havia quase mil mulheres que passam pelo mesmo que ela. Diz que se sentiu no campo de batalha. Vendo que não só ela, diz que é mais fácil, acalma o coração poder compartilhar.
- Não conhecia seu pai, quando chegava dia dos pais na escola era difícil demais. O ano passado o conheceu. Sua família, por parte de pai, se juntou para ver este encontro, conheceu seus irmãos.
- Quando morou em Águas Lindas, passou necessidade, catou latinha, não tinha sabão como Carolina. Diz que tiveram ajuda, mas tem até raiva do lugar. Diz que graças a Deus, a vida financeira melhorou muito.
- Diz que quando descreveu o seu dia no seu diário, estava chovendo como aconteceu com Carolina. Maria Carolina de Jesus estava triste, mas com ela foi diferente: estava chovendo e foi dormir. Pondera que tem esposo para confiar e Carolina não, ela tem muita tribulação.
- Relata que sofreu muito como Carolina, que é guerreira também, mas quando passava por dificuldade tinha alguém para ajudar, mas Carolina não.
- Diz que o negro é tratado com poesia pela autora, linguagem poética pura.

c) Momento de combinados para próximo encontro

Cabe ao animador sempre incentivar a leitura em casa, mostrar às participantes que esta não necessariamente irá tirar o seu tempo. A leitura pode ser feita em pequenos trechos, em momentos dedicados a si mesmas, em pedaços de horas livres, antes de dormir, por exemplo, e sem que isso seja uma obrigação.

2.2.2.2 - Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de Cora Coralina



Foto: Cora Coralina em sua casa.

Fonte: www.poesiaspoemaseversos.com.br



Foto: Cora Coralina com seus tachos de fazer doces ao fundo

Fonte: www.hierophant.com.br



Foto: Cora Coralina falando sobre poesia.

Fonte: www.poesiaspoemaseversos.com.br

BIOGRAFIA

Cora Coralina (1889-1985) Filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, desembargador nomeado por D. Pedro II, e de Jacinta Luísa do Couto Brandão, Ana nasceu e foi criada às margens do rio Vermelho, em casa comprada por sua família no século XIX, quando seu avô ainda era uma criança. Estima-se que essa casa foi construída em meados do século XVIII, sendo uma das primeiras construções da antiga Vila Boa de Goiás.

Começou a escrever os seus primeiros textos aos quatorze anos de idade, publicando-os nos jornais locais apesar da pouca escolaridade, uma vez que cursou somente as primeiras quatro séries, com Mestra Silvina. Publicou nessa fase o seu primeiro conto, *"Tragédia na Roça"*.

Casou-se em 1910 com o advogado Cantídio Tolentino Bretas, com quem se mudou, no ano seguinte, para o interior de São Paulo. Nesse Estado passou quarenta e cinco anos, vivendo inicialmente no interior, nas cidades de Avaré e Jaboticabal, e depois na capital, onde chegou em 1924. Ao chegar à capital, teve que permanecer algumas semanas trancada num hotel em frente à Estação da Luz, uma vez que os revolucionários de 1924 pararam a cidade. Em 1930 presenciou Getúlio Vargas chegando à esquina da rua Direita com a praça do Patriarca. Um de seus filhos participou da Revolução Constitucionalista de 1932 .

Com a morte do marido, Cora ficou ainda com três filhos para acabar de criar. Sem se deixar abater, vendeu livros em São Paulo, mudou-se para Penápolis, no interior do Estado, onde passou a vender linguiça caseira e banha de porco que ela mesma preparava. Mudou-se em seguida para Andradina , até que, em 1956, retornou para Goiás.

Ao completar cinquenta anos de idade, a poetisa sofreu uma profunda transformação em seu interior, que definiria mais tarde como a perda do medo. Nesta fase, deixou de atender pelo nome de batismo e assumiu o pseudônimo que escolhera para si muitos anos atrás.

Durante esses anos, Cora não deixou de escrever, produzindo poemas ligados à sua história, à ligação com a cidade em que nasceu e ao ambiente em que fora criada.

Cora Carolina morreu na cidade de Goiás, em sua casa, que foi transformada em um museu, exatamente como ela deixou.

Fonte:

<http://www.goiasvelho.tur.br/cora-coralina-biografia-poemas-poesias-livros-frases-fotos-imagens-casa-vida-ler-leituras-versos-de-cora-coralina.htm>

1º ENCONTRO

No primeiro encontro da TLD é importante que as participantes conheçam o contexto da obra e da vida da autora a ser lida, além de tomarem o primeiro contato com o objeto livro, dialogarem sobre as primeiras impressões da obra e combinarem o próximo encontro.

a) Contextualizar a obra a ser lida e a vida da autora

Para tal contextualização, passamos o curta-metragem “O Chamado das Pedras”, que aborda a vida e obra de Cora Coralina. Depois, abrimos para o diálogo sobre o vídeo, momento em que as participantes comentaram suas impressões, fizeram suas perguntas e expressaram identificação com a vida de Cora.

Em seguida, fomos ao laboratório de informática e, com a ajuda dos monitores e do apoio, as participantes puderam pesquisar mais sobre Cora e sua obra. O

uso do laboratório de informática para pesquisas na tertúlia independe da habilidade prévia que as participantes tenham com o computador e a internet, pois a tertúlia também pode ser um espaço para a inclusão digital.

Depois, já de volta à sala onde ocorria a tertúlia, passamos a conversar sobre o filme e o material pesquisado por elas.

b) Tomar o primeiro contato com o livro

Após assistir e debater o filme, distribuímos um exemplar da obra de Cora Coralina a cada participante.

Tendo em vista que elas não tinham intimidade com o objeto livro, foi necessário explorar didaticamente a estrutura dos elementos pré-textuais e textuais e os aspectos semióticos do livro: capa – destacando as imagens e cores -, orelha, contracapa, sumário e prefácio – destacando a função destas partes do livro e a natureza dos textos que as compõem.

É importante que esta exploração seja conduzida pelo animador cultural várias vezes na tertúlia, até que as participantes ganhem familiaridade com o livro.

c) Diálogo sobre as primeiras impressões da obra

Os diálogos sobre as primeiras impressões da obra não aconteceram de forma estanque, tendo permeado os dois momentos anteriores do encontro. A vida no interior levada por Cora, que também era muito ligada à terra, foi um forte elemento de identificação das participantes, que já num primeiro momento se mostraram abertas e entusiasmadas para conhecer os poemas dessa autora goiana. As pesquisas que elas mesmas fizeram na internet contribuíram para um contato mais próximo com a obra.

d) Combinados para o próximo encontro

A animadora cultural explicou para as participantes que os livros eram provenientes de um projeto de extensão e que poderiam ser levados para casa,

com o devido cuidado. Ela ainda as estimulou a lerem o prefácio, anotando dúvidas ou partes significativas do texto para serem compartilhadas no próximo encontro.

2º ENCONTRO

a) Momento intertextual

O momento intertextual foi iniciado com um trecho poético de Manoel de Barros – “Poesia é Voar fora da Asa” – e também com a poesia “Liberdade”, de Olga Savary – “Desligada/O vento morde meus cabelos sem medo: /Tenho todas as idades...”. Com o primeiro trecho foi trabalhada a poesia como possibilidade de sair do cotidiano e descansar em uma linguagem que revela a alma humana. O próprio trecho traz esse respiro, configurado em imagens, sons, símbolos. O segundo poema foi utilizado para ampliar tal sentido já que se trata de um texto extremamente imagético e que revela a possibilidade de liberdade da mulher, a partir de uma consciência da atemporalidade da condição feminina.

Explicamos mais uma vez as regras da roda de leitura e ressaltamos que para que conseguíssemos ler o livro todo durante os encontros, seria necessário que algumas leituras fossem feitas em casa, com os mesmos destaques dos trechos, que se relacionavam com sua experiência mais ampla. É importante ressaltar aqui que o condutor de Tertúlia deve planejar o tempo de leitura da obra escolhida, dividindo entre tempo presencial com o grupo e tempo de leituras individuais.

Como íamos começar a ler poesia, achamos importante que elas vivenciassem uma oficina de produção desse gênero literário. A animadora cultural coordenou a oficina de poesia, criada por ela, que tem como princípio o contato empírico com a abstração por meio dos sentidos. Com a utilização de música, imagens e trabalho com o corpo, a animadora cultural estimulava as participantes a se expressarem em uma dinâmica que explorava os cinco sentidos. Ao final, depois de escreverem seus fluxos de consciência, cada uma delas produziu e leu a sua poesia.



Foto 14: Oficina de poesia. *Fonte:* arquivo da TLD.

b) Momento da TLD

O momento da TLD foi conduzido conforme o quadro 7. Segue, então, a memória do diálogo sobre a obra.

Obra: CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2006.

Poemas lidos: “Minha cidade” e “Antiguidades”.

Animadora: Jane

Apoio: Ana Paula

Monitores: Nilson e Lucineide

- Era uma velha brava, mas não esquecida, via o passado e adivinhava as coisas. Vivia na dureza, mas soube expressar com bravura as coisas bonitas. Falava da cidade dela, usando metáfora de uma mulher, usava o verde como esperança, onde se debruçava, tinha uma casa velha onde descansava.
- Tinha uma boa relação com as pessoas daquela cidade, pois conversava com todas as pessoas mesmo assim sentia que ainda não era conhecida. Uma mulher proletária, mulher do povo corria atrás dos seus objetivos, não era vencida, não era nenhuma coitada tinha pulso forte. Colocava nas paredes seu amor por Goiás e assim poderia passar mil anos, mas tudo ia ficar marcado naquelas paredes para sempre. Goiás, sua cidade, mulher amorosa, amava o que fazia.
- Prestava atenção em tudo, contava a vida das pessoas. Era uma mulher muito maltratada entre todos, mas mesmo assim continuava renitente, firme e forte no que queria, era uma menina feia, mas escrevia o futuro. Usava metáfora, se achava menina no pensamento, cresceu, se tornou uma grande mulher, mas guardou dentro de si aquela menina.

- Uma pessoa que não teve escolaridade, soube ser irônica e forte, renitente, a florada à dureza do morro. Não tinha valor nenhum, mas fazia jogo com as palavras. Quem gosta dela são pássaros vadios, parece que ela se dizia feia, que não era interessante, quando na verdade era muito interessante, linda e maravilhosa.
- O poema todo faz lembrar sua história de menina, a sua mãe fazia sempre muita comida e as vezes nem comia, porque quando chegava visita, era sempre os visitantes que tinham a preferência, na história do livro era um bolo, mas em sua história era tudo, o arroz, o feijão, era tudo colocado para as visitas. Eram pobres, faltava tudo, mas quando fazia aquele bolo assado na brasa era uma delícia. Primeiro vem os filhos e depois os de fora, as pessoas costumam tratar muito bem os de fora e às vezes não tratam tão bem os de casa. Era uma coisa de respeito, o bolo era guardado apenas para as visitas, dormia sonhando com aquele bolo. Não tinham a preocupação de reservar um dia para comemorar com a família. Quando as visitas chegam era tudo para elas e os filhos só comiam se sobrasse, pois naquele tempo a criação era muito criteriosa e os filhos tinham que obedecer aos pais.
- As visitas eram sempre prioridade, muito queridas e os filhos não podiam ficar entre as visitas, pois lugar de criança não era no meio de adultos. Faz lembrar a sua infância, pois quando chegava visita era um terror. Está vivendo um pouco do seu passado e do seu presente, hoje sabe contar a sua história através do livro. Qualquer coisa já era um motivo de beliscão, a maneira pedagógica não era conversar, era mais de dar bronca.
- Ficava o tempo todo esperando a hora do bolo descer do armário, dormia sempre naquela esperança de que no dia seguinte comeria uma fatia daquele bolo. Os filhos de hoje não obedecem aos pais como antigamente, pois a moral dos pais com os filhos acabou e é por isso que as coisas estão acontecendo sem limites.

- Sempre leva seu 4 filhos pra igreja, ensina a respeitar as pessoas, pois a educação já não é a mesma, o mundo está ao avesso. Essa poesia fez lembrar sua irmã educadora. Antigamente criança não era ouvida, eram separadas dos adultos, trancada nos quartos quando tinham visita em casa, pois estas eram sempre a prioridade. Se por um lado criança não era ouvida, hoje elas falam muito. Nem muito triste, nem muito feliz, agora não se dá limite em criança, bater nem pensar, é uma violência e não dar limite também.
- A ansiedade de participar daquela festa, daquele bolo era grande, mas se sentiu desprezada quando acordou e viu apenas as vasilhas sujas, pois sua vontade em participar daquele banquete era grande.

c) Momento de combinados para próximo encontro

Cabe ao animador sempre incentivar a leitura em casa, mostrar para as participantes que esta não necessariamente irá tirar o seu tempo. A leitura pode ser feita em pequenos trechos, em momentos dedicados a si mesmas, em pedaços de horas livres, antes de dormir, por exemplo, e sem que isso seja uma obrigação.

3º ENCONTRO

a) Momento intertextual

A TLD proposta foi além das nossas expectativas. Propus uma leitura intertextual entre o poema “Todas as vidas”, de Cora Carolina, e o conto “O grande passeio”, de Clarice Lispector. Todas leram com atenção e emoção. Uma chorou durante a leitura do conto de Clarice. Trata-se de uma turma de mulheres que há muito tempo saíram da escola e estudaram na EJA. A leitura, muitas vezes, foi encarada com sofreguidão por muitas delas. Mas mesmo duvidosas, elas avançavam e a análise intertextual foi incrível, porque antes de começar a aula eu coloquei na lousa a frase de Clarice: “Você que me lê que me ajude a nascer”. E a de Cora: “O que está ruim é porque vai ficar bom”.

A partir da primeira frase expliquei o que é metáfora, fazendo relação de sentido com a segunda, falei do ciclo vida e morte, que está contido nesta frase de Cora. Elas concordaram que nada é perene, nem a dor, nem a felicidade, e que a leitura e a escrita nos fazem existir mais.



Figura 15: Momento da leitura. *Fonte:* arquivo da TLD.

O momento da TLD foi conduzido conforme o quadro 7. Segue, então, a memória do diálogo sobre a obra.

Obra: CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2006.

Poema lido: “Todas as vidas”.

Animadora: Jane

Apoio: Ana Paula

Monitores: Nilson e Lucineide

- Falava de uma mulher sofrida, o que estava conhecendo as coisas que acontecem. Dormir sem ter cama, isso chamou sua atenção. São histórias de duas mulheres sofridas que levantavam de madrugada para conseguir as coisas, fazia uso de metáfora, comeu o pão como um rato
- As mulheres dos textos se entrelaçam na idade. Tem sempre lembrança da mulher que vive dentro delas, a diferença é que a velha do conto sofria e fazia questão de esquecer. Esbravejava a velha que vivia dentro dela e colocava para fora.
- Nem uma das duas foi tão sofredora, viveram o que tinha que viver, passaram o que tinham que passar. A outra foi uma grande mulher, ela era tudo, viveu muitas vidas. Viviam num mundo totalmente diferente. Estava feliz, cheia de vida, tiveram esta vida e passaram pelo que tinham que passar, tiveram sua parte de felicidade. Ficou triste porque olhou para o céu, foi tocada, são quinze dias juntas aqui e achava que era o fim.

- Era magrinha, frágil e triste, pois a vida não era alegre. A Cora era uma mulher do povo, fala dos becos de Goiás e a gente se identifica. Acordava um pouco desanimada, tinha que preencher o dia. A vida de Cora era tão repleta, sentia a energia da terra, uma mulher que tinha tudo para não produzir poesia, às vezes deixamos as coisas pra trás.
- Via uma mulher terrivelmente forte, pois se aceitava, se amava e era muito irônica. Duas mulheres dentro de uma só, escondendo tantas coisas boas ou ruins. Falou o que vivia dentro dela, tentou dizer eu sou, mas não disse e ao mesmo tempo que era boa, era também uma pessoa má.



Foto 16: Apoio anotando a memória. *Fonte:* arquivo da TLD.

c) Momento de combinados para próximo encontro

Cabe ao animador sempre incentivar a leitura em casa, mostrar para as participantes que esta não necessariamente irá tirar o seu tempo. A leitura pode ser feita em pequenos trechos, em momentos dedicados a si mesmas, em pedaços de horas livres, antes de dormir, por exemplo, e sem que isso seja uma obrigação.

4º ENCONTRO

a) Momento intertextual

Coloquei um poema meu na lousa, para trabalhar a questão da forma poética. Elas chegaram ao cerne do que eu tinha escrito e fizeram as conexões que eu propus. Segue o poema:

*Eu gosto
de tudo que
(dê) forma.*

Elas fizeram considerações que traziam uma reflexão aguda sobre o diálogo entre o meu texto e o de Cora Coralina.

Uma das mulheres, depois de terminar sua fala sobre o texto, pediu licença para falar o quanto a vida dela tinha mudado. Chorou nesse momento e disse que na aula seguinte contaria por que eu havia mudado a vida dela, por que o curso a tirou do abismo. A filha, que também era uma participante da TLD, voltou-se para ela e disse: “Antes você estava morta”.

b) Momento da TLD



Foto 17: Momento da leitura. Fonte: arquivo da TLD.

O momento da TLD foi conduzido conforme o quadro 7. Segue, então, a memória do diálogo sobre a obra.

ENCONTRO TLD – PROGRAMA MULHERES MIL

22/03/2011

Obra: CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2006.

Poema lido: “Mulher da Vida”

Animadora: Jane

Apoio: Ana Paula

Monitores: Nilson e Lucineide

- Era uma menina triste porque se achava feia e a família falava que era doente. Além de ela se achar feia, tinha porque se achar feia, pois as pessoas falavam isso dela o tempo todo. Quando se fala a uma criança é bom prestar atenção para não machucar com palavras. Quem já não fez isso de sair de casa escondido, pois ninguém gosta de sair de casa levando irmãos mais jovens. Levou a infância sofrida para vida toda.
- Era uma menina doente, não tinha carinho nem de pai, nem de mãe, fazia travessura para chamar a atenção, se fazia de doente sem estar doente. A casa parecia sepultura, era um lugar onde ninguém falava com ninguém e quando falava era para colocar apelidos.
- Ela se colocava como vítima, criou todas as barreiras e jogos de cintura para chamar a atenção das irmãs. Ela se escondia, mas fazia de tudo para ser vista, não queria ser anônima, queria no final era ser uma pessoa diferente.

- Sentia-se rejeitada, tinha tantos defeitos, que fazia de tudo para chamar a atenção das irmãs que a excluía de tudo. Talvez não compreendesse os apelidos que as pessoas colocavam nela. As pessoas mais velhas têm uma maneira estranha de falar e às vezes essas palavras não eram compreendidas pela criança.
- Diz que o texto é interessante. Relata que vinha de uma família onde era a caçula e logo depois deixou de ser a caçula, rompendo assim com um sentimento de ser a caçula da família. Quando deixou de ser a caçula começou a desenvolver um comportamento agressivo para chamar a atenção da família, como todos colocavam apelidos nela, então ela passou a se achar realmente feia, mas em momento algum parecia estar doente, na verdade ela se fazia parecer doente. Perdeu o pai e a educação ficou toda com a mãe, é uma fase onde todos passam por transformação importante, fortalecendo a união entre a família, entre as irmãs. A sua maior tristeza foi quando deixou de ser a caçula.
- Relata que quando ela era pequena morria de medo de lagartixa, caiu na gargalhada por achar parecido o contexto. Ficou assombrada com as citações do poema, achava que existia diabo, quando era pequena ela quase não aprendia por viver no mundo da imaginação. Não gosta muito de ler, por isso ficou muito nervosa, com coração acelerado.
- Ela se sentiu como a autora, pela rejeição, do próprio tio, o pai dela a chamava de olho de caminhão.
- Ela tinha um pavor de ter que adoecer e morrer. Tinha muito medo de fantasma e bicho papão.
- A mulher da vida não tem significado, não tem valor, muitas vezes ser meretriz é ser induzida àquilo por necessidade, ser maltratada. Há o texto da Bíblia, naquele tempo do texto não tinha lei, a lei era matar e apedrejar, Jesus disse: “Quem não tem pecado que atire a primeira pedra”, serve para que cada um de nós olhe para nós mesmos antes de condenar alguém.

- Os apelidos lhe chamaram atenção, todos têm sinônimos ruins. Tem muita mulher da vida que o homem pega na mão e a levanta. O justo é Jesus: “ninguém te condenou”, ela olha e não vê nenhum acusador, tem que haver um arrependimento. Sua irmã se perdeu e foi para a casa de prostituição, ela não podia passar na frente para não virar rapariga também.
- Diz que no poema falam que o homem as machucou, mas elas vão se purificar vestidas de branco. Agora a lei mudou, tem mais apoio para a mulher. A mulher da vida no seu tempo se entregasse já era discriminada, hoje a mulher da vida é prostituta, vende o corpo, são pessoas muito tristes, adquirem doenças, pessoas sem valor, mas se deve julgar ninguém.
- Ressalta que agora tem mais lei para as mulheres. Sempre buscou algo melhor, hoje a empregada doméstica tem alguns direitos. Acha que a gente está renascendo. Os que lançaram elas na vida, continuam as difamando, ao invés de ter apoio, a sociedade despreza e não dá valor. Ela vai ser lavada de toda condenação, ninguém pode condená-la, porque ninguém sabe o que ela sente. Eu me lembrei disso que eu passei, quase fui apedrejada. Se a mulher da vida veio desde o começo do mundo, quem a jogou na vida?”, reflete.

c) Momento de combinados para próximo encontro

Cabe ao animador sempre incentivar a leitura em casa, mostrar para as participantes que esta não necessariamente irá tirar o seu tempo. A leitura pode ser feita em pequenos trechos, em momentos dedicados a si mesmas, em pedaços de horas livres, antes de dormir, por exemplo, e sem que isso seja uma obrigação.



Foto 18: Animadora cultural fazendo os combinados para o encontro seguinte, com a presença de estagiário canadense.

Fonte: arquivo da TLD.

5º ENCONTRO

a) Momento intertextual

Além de estratégias diárias para estimular a escrita criativa, foi muito importante a visita que fizemos à *I Bienal do livro e da leitura de Brasília*, durante a qual as mulheres puderam ver uma peça de teatro, baseada na obra de Guimarães Rosa, uma palestra com o escritor Afonso Romano Sant’anna, que falou sobre o processo de escrita literária, show de músicas de Luiz Gonzaga, músico muito apreciado por elas. É imprescindível que a TLD se conecte com outros contextos de leitura e arte.

No encontro que seguiu à visita, começamos trabalhando com a frase de Ziraldo, que era a epígrafe da Bienal: “Ler é mais importante que estudar”. A partir dessa frase discutimos sobre a importância da interpretação de textos para se poder

estudar bem e o quanto ler promove o autoconhecimento e a liberdade. Houve uma reflexão sobre como ler as malhas do texto e não somente o que está em um primeiro nível de sentido.



Foto 19: Visita à Bienal do Livro, participante da TLD curtindo som com música de Luiz Gonzaga.



Foto 20: Visita à Bienal do Livro, participantes da TLD explorando catálogos de pinturas.

Fonte: arquivo da TLD.

b) Momento da TLD

O momento da TLD foi conduzido conforme o quadro 7. Segue, então, a memória do diálogo sobre a obra.

ENCONTRO TLD – PROGRAMA MULHERES MIL

22/03/2011

Obra: CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2006.

Poemas lidos: “Minha Infância” e “Cântico de Andradina”

Animadora: Jane

Apoio: Ana Paula

Monitores: Nilson e Lucineide

- Quando era criança aprendeu a falar na hora certa, como seus pais haviam ensinado.

- Na infância sofreu muito a rejeição dos pais dela, as irmãs faziam só a parte boa e ela sofria. Teve que cuidar dos irmãos quando a mãe adoecia. Sua família era bem de unida, quase não brincavam, o pai se incomodava com o falatório dos filhos. Ela descreveu como foi rejeitada dentro da família por todos, lembrou que teve medo, junto com os irmãos, de baratas voadoras. Hoje é a queridinha da mamãe. Ela é a preferida, pois a mãe confia segredos vive em conexão, se falam todos os dias. Quando era garota havia um senhor que se chamava Chico Preto, costumava mentir muito e contava muitas histórias. Achou interessante a poesia trazer a visão que a família tinha dela, mas disse que era importante não ter a visão igual à deles. Sua irmã tinha a mania de ordenar para fazer as coisas da forma dela. O eu poético é bem forte, ela não podia existir, era a mais feia, as irmãs não gostavam dela. As pernas moles era uma metáfora, pois nos momentos ruins era preciso cair para estar em pé. Com tudo que passou ela conseguiu trilhar um bom caminho, não foi rica, mas do jeito dela ela venceu e chegou a publicar livros maravilhosos. As pessoas falavam mal dela, mas ela deu um salto na vida.
- A sua infância era assim no meio da mata, se identificou. Cada dia que passava, as árvores estavam diferentes, nasceu e se criou na roça. No final de dezembro começavam as queimadas, botavam fogo na roça, varriam para o fogo não passar para a parte verde. Tinha uns 12 para 14 anos, seu pai botava todos para tocar o gado para beber água, o sol era quente, se não fizesse apanhava. Tinham pessoas de todos os tipos, com vontade de enriquecer e aquelas que só pensavam na miséria do salário.
- Ela lembra quando começou a trabalhar, comprou seu lote à prestação em Santo Antonio do Descoberto. Diz que colocaram a mudança no mato e lá já ficaram e conquistaram seus sonhos, venderam e vieram para cá.
- Lembra o interior de Goiás, lote cercado de arame e as vacas e bezerros mugindo e à noite as mangas caindo e o gado comendo as mangas. Tem burrinho que fica no meio da água, tem um córrego com peixinho e argila. Uma cidadezinha no meio da mata, não tem nada. Diz que tem galinha, porco, leite, garapa, goiaba, frutas do cerrado, é muito gostoso! Relata que é muito bom! Tem água, luz. Isso retrata sua família do interior.

- Diz que sua família tem recompensa agora, porque são descendentes de quilombolas, foram reconhecidos pelo governo federal. Reflete sobre todos nós termos uma lembrança dos nossos filhos, as marcas de uma cidade revelam geração em geração. Ela viu a cidade de Cora Coralina nascer, viu outras cidades. Diz que é muito lindo ver tudo isso!
- Lembra do começo da Estrutural, quando começou só tinha mato, assava carne, fazia fogueira, quem estava dentro não saía, quem estava fora não entrava, tem até um museu do sangue. Diz: “A gente venceu!”
- Sempre foi amada sem mãe, quando resolveu comprar lote, viu o quanto as pessoas são solidárias. Diz que o que falou com ela no texto foi o trecho dos machadeiros, pois é do interior, seu pai chamava as pessoas para botar fogo na roça e plantar sementes e tudo nascia bonito. Lembra das Caieiras onde se faz carvão, ela até aprendeu a fazer fogareiro de lata e barro, ela mesma fazia as caieiras. Criada sem mãe fazia sabão... para ela era luxo cozinhar com carvão, hoje não significa nada para ninguém. Diz que hoje temos tudo e ninguém dá valor.

c) Momento de combinados para próximo encontro

Cabe ao animador sempre incentivar a leitura em casa, mostrar para as participantes que esta não necessariamente irá tirar o seu tempo. A leitura pode ser feita em pequenos trechos, em momentos dedicados a si mesmas, em pedaços de horas livres, antes de dormir, por exemplo, e sem que isso seja uma obrigação.

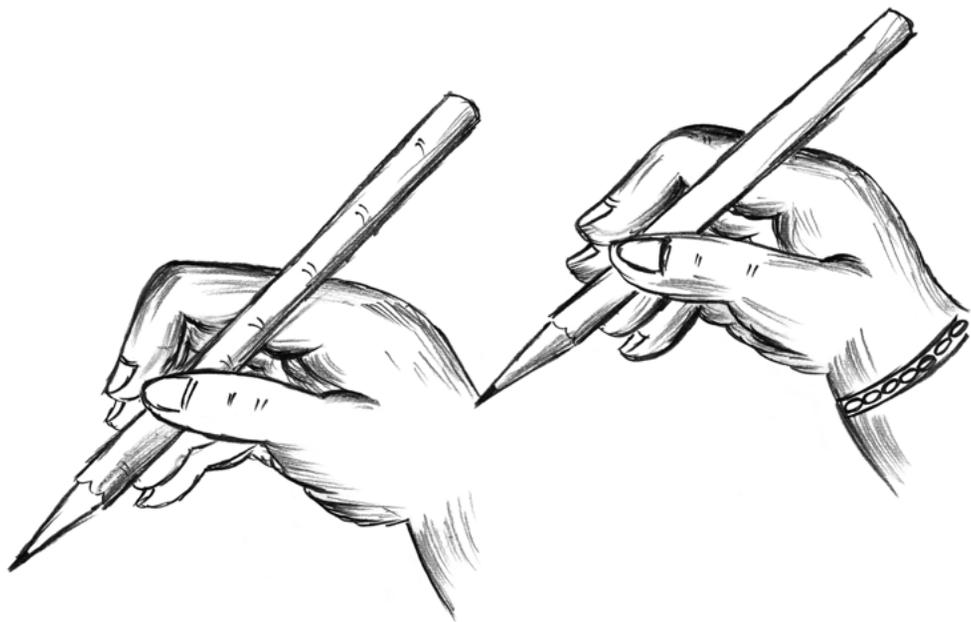


Ilustração: João Borges

“Uma palavra escrita não pode nunca ser apagada. Por mais que o desenho tenha sido feito a lápis e que seja de boa qualidade a borracha, o papel vai sempre guardar o relevo das letras escritas. Não, senhor, ninguém pode apagar as palavras que eu escrevi. Só passei dois anos dentro de uma escola. Isso foi lá em Minas, onde eu nasci. Foi pouco tempo, mas o suficiente pra eu descobrir que as palavras, se não conseguem mudar o mundo, servem pelo menos para contá-lo ou até inventar um mundo novo.”

(Carolina Maria de Jesus)

2.2.3. Terceira Fase: Produção de livros de literatura pelas participantes da TLD

Aninha e suas pedras

*Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.*

(Cora Coralina)

O animador cultural da TLD precisa estar atento para captar os sinais de desejo de aprender, que estão além do seu planejamento. No nosso processo da TLD, em que o lido vai sendo inter-relacionado com o vivido e com as questões estéticas aprendidas, a leitura as instigava cada vez mais à expressão das suas emoções e visão de mundo, transformadas pelas obras de literatura. Então, iniciamos a atividade de escrita concomitante ao de leitura. Elas eram estimuladas a escrever sob a perspectiva dos gêneros literários lidos, no caso, o poético e o narrativo (forma de

diário). À medida que os encontros da TLD aconteciam e as participantes avançavam na leitura dos livros, o que aconteceu foi uma necessidade urgente da escrita. Elas apresentavam nas falas, mesmo que ainda de forma incipiente e, às vezes, por meio de textos espontâneos que escreviam, um desejo urgente de se expressar. Conforme as participantes conheciam melhor as obras e a vida de suas respectivas autoras, no ambiente dialógico da tertúlia, elas iam se imbuindo de estímulos, de cumplicidade e força para que também se tornassem escritoras.

Diante disso, decidimos ali incrementar a metodologia original da tertúlia, incluindo, simultaneamente à fase de leitura e diálogo em torno das obras literárias, a fase de criação, pelas participantes, de textos do mesmo gênero literário que os lidos na TLD.

Propusemos às mulheres que liam Cora Coralina que, após cada encontro, escrevessem em casa seus próprios poemas. Mas como o poema é um texto conciso, muitas mulheres já iam produzindo-os ao longo do próprio encontro da tertúlia, pois a fruição poética sempre ultrapassa os tempos pedagogicamente divididos.

Às mulheres que liam Carolina Maria de Jesus, propusemos que escrevessem seus próprios diários. Combinamos que no encontro seguinte, elas trariam os textos produzidos ao longo da semana. Coube a mim, a animadora, corrigi-los, do ponto de vista gramatical e sintático, sem interferir no estilo delas, e devolvê-los a cada início de tertúlia, antes do momento intertextual. Nessa devolução, fui orientando as mulheres para que passassem os diários a limpo, percebendo e acolhendo as correções. O processo de escrita, correção e reescrita aconteceu nos dois grupos, favorecendo que elas acessassem mais uma esfera do conhecimento instrumental. O aprimoramento da habilidade da escrita foi se dando junto com o desenvolvimento do olhar poético sobre si e o mundo.

Cabe salientar que, apesar de o processo de escrita ter se originado do desejo de expressão dos grupos, foi importante alimentar esse desejo, compartilhando técnicas que ajudavam no processo criativo da escrita, sempre as desafiando a se resignificarem por meio da escrita. Para isso foi fundamental que a produção

textual não fosse tratada como uma obrigação, não transformando os acordos em ordens. Isso porque o processo de escrita literária, em particular, é uma apropriação que vai se dando em um nível muito sensível e até mesmo sofrido. Tratava de uma atividade, a de escrever, que para aquelas mulheres não fazia parte do seu estar no mundo. É importante ressaltar, aqui, que escrever é um gosto e, tal qual a leitura, precisa ser conquistado, sobretudo, quando os participantes proveem de um contexto social em que a literatura não se apresenta como uma opção de autonomia, fruição, resgate da humanidade e um direito.

Cabe-nos entender que escrever é um ato de coragem e que a dinâmica de cada participante deve ser respeitada. Com o processo de escrita dos diários e das poesias já em andamento, muitas delas se viram em um impasse entre o desejo de se expressar e a falta de instrumentos para isso, fossem eles subjetivos ou técnicos. Começaram, então, a ter medo de escrever. Percebemos que esse bloqueio, em muitos casos, se dava pela baixa estima, consequência de uma formação escolar excludente, uma sociabilidade tensa e uma vida emocional desestruturada. Para transformar esse sentimento criamos um clima de cumplicidade com depoimentos sobre esse desafio.

Enfim, os textos escritos na forma de diário foram reunidos em livros artesanais intitulados *Mulheres Mil histórias de vida*, e as poesias foram reunidas também em livros artesanais: *Mulheres Mil poemas*. É imprescindível ressaltar que, além de escreverem os textos, as estudantes produziram as capas dos livros, com papelão reciclado. A confecção das capas ocorreu na própria comunidade da Estrutural, no espaço comunitário *Ponto de Memória*, onde também funciona uma editora popular de livros artesanais. A costura dos livros aconteceu no próprio IFB/Campus Taguatinga Centro.

As obras produzidas pelas participantes da TLD, além de revelarem a capacidade de abstração destas para as artes plásticas, quando criaram as capas, também representam a palavra descoberta e o sentimento traduzido numa fina percepção estética, quando escreveram os textos literários. Nesse processo, passaram a se inscrever em tudo que escreve(ra)m e a traduzir o indizível do texto literário e da vida.

A produção de livros artesanais foi inspirada no Projeto *Eloísa Cartonera*, iniciado na Argentina, numa parceria com escritores, editoras e livrarias alternativas e catadores de material reciclável, e que já tem ecos em todo o mundo.

As obras produzidas por elas alcançaram um nível poético tão análogo ao das obras lidas, que chamaram a atenção da Pró-Reitoria de Extensão do IFB (financiadora do projeto de extensão compartilhado aqui), a ponto de também financiarem a publicação (2014) de todo o conjunto de textos delas em um livro, que intitulamos: *A expressão de mulheres excluídas em poemas e diários*.



Foto 21: Momento de inspiração para escrever. *Fonte:* arquivo da TLD.



Livro *A expressão de mulheres excluídas em poemas e diários*

Transcrevemos aqui algumas poesias que compõem a obra *A expressão de mulheres excluídas em poemas e diários*:

Acordar

*Acordei bem cedo, fui trabalhar,
sentada numa lata, me pus a pensar.
O que me leva a viver?
Será que meu coração merece
viver, bater, amar, sofrer?
Deus, um ser perfeito, sem defeito.
E eu?*

(Katiene Fernandes de Oliveira)

Poesia da Realização

*Se sinto raiva, não posso amar
mas como tenho desejo
de uma vida melhor
vou me expressar
para conseguir me libertar*

(Zilca de Abreu Mota)

Mulher ressuscitada

*hoje me olhei no espelho
bati na mesa e falei
vou acordar, vou viver
vou fazer e vou criar

eu era morta e vivi
agora sou feliz
timidez foi embora
agora falo toda hora
eu tenho meu direito
agora vou lutar
não nasci só pra
lavar e cozinhar*

*eu sou uma mulher
e tenho meu lugar
eu sou uma florzinha
delicada e todo mundo
tem que me respeitar*

(Maria das Dores Lira M. Leal)

Amor e desejo

*Diante do mesmo cara
Com o mesmo límpido olhar
volto-me com docilidade
tento deixar traços de mim
Sorríamos desamparados
Mas sentimentos são águas
de um instante
apenas aura e iluminação*

*Eu queria que ele sentisse a graça
Ele era a alegria dos outros
Que sentisse que era gratuito
Nascera para a glória de Deus
Mas era amor. Que fosse feliz
e o nosso amor era para quem
se compraz de amor
sinos, sinos repicavam porque
eu sei amar, porque sei adorar
Eu estava amando sim, sem ser amada
Um homem e eu era a mulher, o celeiro
Abri a boca ia dizer a verdade, não sei como
A única intimidade fora a do jardim
onde com a boca fina me agradava*

*Esse único momento mútuo
No dia seguinte indagava-me
por que a dinastia exilada?
Ele me queria devagar, fui reciclando
seus olhos quentes me fitavam numa
abstração intensa que se punha em íntimo
Contato com minha intimidade e
de novo o desejo voltou
Eu sabia que grande pergunta
me envolvia:
vale a pena?
Não sei, tinha que se dar
Teria que ser. Nós somos aquilo
que tem que acontecer, não sem dor
E deslumbrada de desentendimento ouvia
bater dentro de mim o coração
e diante dos meus olhos fascinados
e a boca, de uma fome trêmula, quase sorria
Sim, eu tive a ousadia de dizer sim
às vezes a gente mata por amor
mas, juro, um dia a gente esquece*

(Simeya Pereira Saraiva Santos)

Para quem quiser também produzir livros artesanais como fizemos, segue o processo detalhado da encadernação.

QUADRO 8 – Como se encaderna um livro artesanal?

O QUE É PRECISO?



REVISTAS



TESOURA



COLA



AGULHA GROSSA



LINHA DE SISAL

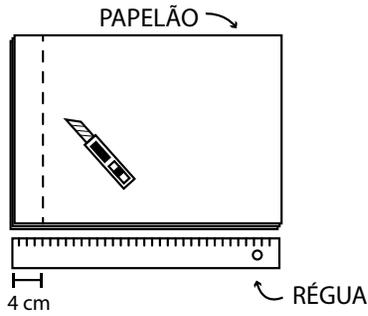


FURADOR DE PAPEL

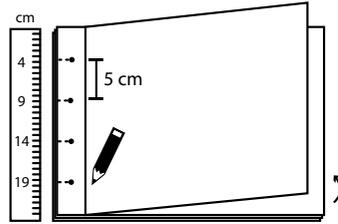


E MUITO PAPELÃO!

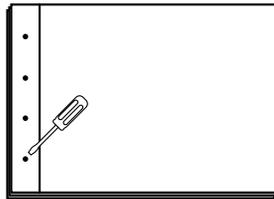
QUAL O PROCESSO?



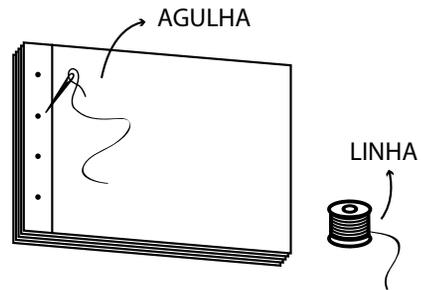
1. Fazemos uma linha reta a 4cm da margem esquerda e marcamos com o estilete, sem cortar.



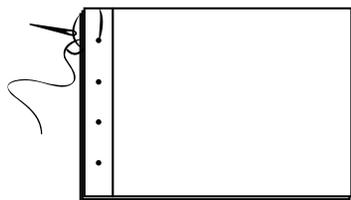
2. Dobramos suavemente por essa linha, medimos e marcamos os pontos que estão no desenho.



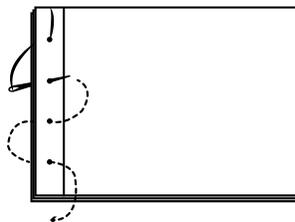
3. Fazemos buracos nos pontos marcados.



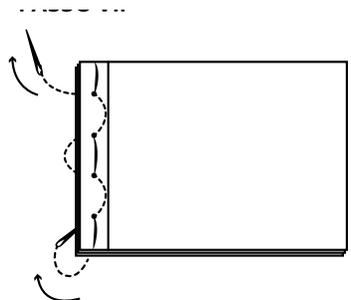
4. Colocamos a linha na agulha e começamos a costurar.



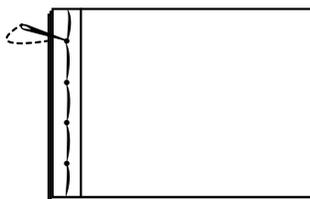
5. Atravessamos o papelão e as folhas com agulha e linha e fazemos um nó atrás.



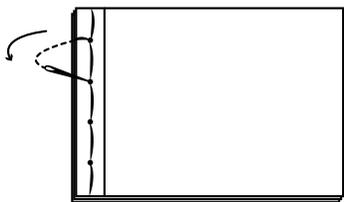
6. Passamos a agulha da parte de trás até a frente pelo seguinte buraco. Assim sucessivamente.



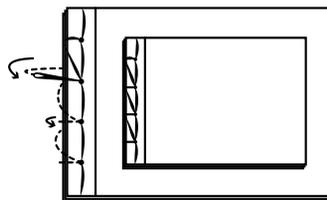
7. Assim se verá a primeira costura. Ao chegar á parte inferior, passamos o fio até a parte detrás e repetimos a mesma operação.



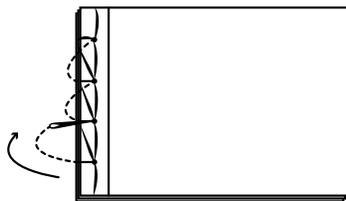
8. Nosso livro deve estar assim tanto na frente como atrás. Agora atravessamos com o fio na horizontal.



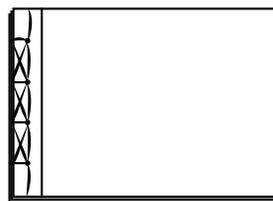
9. E também na diagonal.



10. E assim sucessivamente...
Quando chegarmos ao último buraco, o livro será visto como no desenho do centro desta imagem.



11. Completaremos as diagonais cruzadas de baixo para cima.



12. É assim que deve estar nosso livro pronto para decorar com todos esses materiais!

CONFEÇÃO DOS LIVROS ARTESANAIS



Foto 22: Participantes produzindo as capas dos seus livros, *Mulheres Mil Poemas* e *Mulheres Mil Histórias de Vida*, no espaço Ponto de Memória – Estrutural.



Foto 23: Participantes produzindo as capas dos seus livros, *Mulheres Mil Poemas* e *Mulheres Mil Histórias de Vida*.



Foto 24: Encadernação do livro produzido.



Foto 25: Livro produzido pelas participantes da TLD, “Mulheres Mil Histórias de Vida”.



Foto 26: Livro produzido pelas participantes da TLD, “Mulheres Mil Histórias de Vida”.



Foto 27: Livro produzido pelas participantes da TLD, “Mulheres Mil Poemas”.



Foto 28: Participação na Semana de Arte e Cultura do Campus Taguatinga Centro, com a exposição “Literatura e Reciclagem”.



Foto 29: Apresentação dos resultados da Tertúlia Literária Dialógica pela equipe de trabalho e pelas participantes do projeto, na “Semana de Arte e Cultura do Campus Taguatinga Centro”.

Fonte: arquivo TLD

QUADRO 09 - Impressões das participantes sobre a TLD

“Foi o melhor aprendizado que já tive, pois li livros maravilhosos e de extrema profundidade, com uma pessoa como você, que mostrou a importância de ler.”

(Lucivalda Krixí Munduruku)

“Nessa componente eu aprendi e me diverti muito, li, fiz oficina de poesia e despertei a poeta que estava adormecida dentro de mim.”

(Adriana Aquino)

“Aprendi o sentido de ouvir para depois falar, a respeitar a opinião do meu próximo.”

(Rita de Carvalho)

“Aprendi que não só o inteligente pode fazer poesia, mas todos aqueles que realmente querem, pois todos somos capazes.”

(Ivone Rodrigues)

“Cada poesia é muito legal. Eu aprendi uma coisa muito interessante que quando uma aluna estivesse falando, as demais devem ficar caladas, ouvindo e depois se quisessem falar devia ser por ordem. Quando começávamos a ler as poesias nossos mundos se transformam e a gente entra num mundo totalmente desconhecido e feliz, que faz a gente esquecer os problemas do dia a dia, das dificuldades e por um momento fazer uma longa viagem no imaginário.”

(Geane Abreu)

“Foi muito legal ver cada aluna ler um trecho dos livros, muitas delas nem sabia ler direito, às vezes engolindo letras, gaguejando e muito nervosas. Mas a professora Jane nos passou uma segurança tão grande e as alunas que sabiam ler melhor iam ajudando umas as outras. E depois da poesia lida, cada uma dizia suas próprias interpretações e muitas delas se emocionavam, dependendo da magia de Cora Coralina.”

(Katiene Fernandes)

“Nas rodas de leitura aprendi a ouvir e decifrar as escritas de várias maneiras.”

(Sílvia Carvalho)

“Nas discussões sobre as poesias foi onde eu aprendi que a arte de escrever e ler é maravilhosa e só discutindo é que entendemos mais.”

(Zilca de Abreu)

“Na oficina de poesia aprendi e vi que sou uma artista capaz de emocionar a mim mesma com o que escrevo.”

(Simeya Pereira)

“Foi bom, pois cada uma de nós fizemos coisas maravilhosas com o estilo de cada coração.”

(Mariza Batista)

“Aprendemos a lutar por nossos direitos. Estou lutando.”

(Solange Almeida)

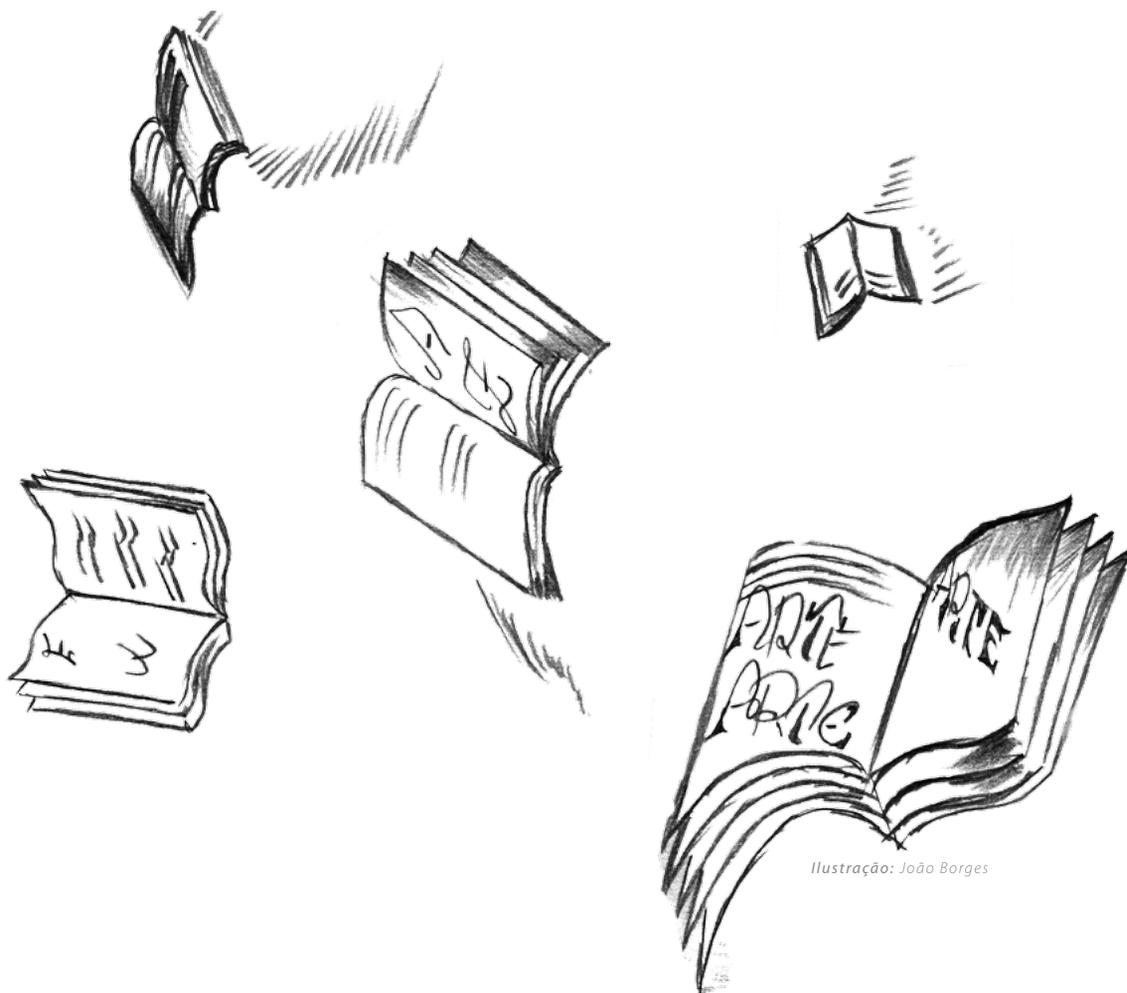


Ilustração: João Borges

Somos rascunho de pássaros, não acabaram de fazer.

(Manoel de Barros)

3. Considerações finais

É deveras impressionante como as participantes foram se transformando em leitoras ávidas, com autonomia social, pessoal, tendo seu lugar de falar respeitado e, com o tempo, garantido. Na TLD a descoberta das mulheres em relação ao seu potencial como escritoras foi promovendo essa transformação, a partir da sua valorização como cidadã que pensa, sente e realiza.

Nesse sentido, a TLD realmente mostrou seu potencial de reconfiguração de uma instituição educacional que, em uma primeira análise, seria somente transmissora de conhecimento, em um espaço de ação cultural. É importante que se conecte a TLD a outras atividades culturais e educativas, pensando em sua dinamização dentro de um espaço orgânico de aprendizagem. Sob tal perspectiva, a educação se revela como uma ação cultural mais ampla do que o ensino apenas: saraus, visitas a museus, bienais, cinemas, exposições devem ser vivenciados. Essa ação inclui e ultrapassa a aprendizagem instrumental, prevista tradicionalmente como a única finalidade da escola, transformando-a em um espaço verdadeiramente educativo, conforme a concepção da UNESCO sobre a educação ao longo da vida.

A maioria daquelas mulheres participantes da TLD estava entre os milhões de brasileiros que são excluídos da vida social, regida pela cultura escrita e pelas linguagens que a contemporaneidade consagra e recria cotidianamente. Pudemos constatar que o grau de escolarização das mulheres estava intimamente ligado à sua condição econômica e psicológica, pois as que possuíam maior formação escolar apresentavam maior emancipação financeira e pessoal, enquanto que as com formação inferior eram mais pobres e apresentavam uma relação muito fragilizada consigo mesma e com o mundo.

A TLD desafia as instituições educativas a funcionarem como espaços culturais de aprendizagem, de aquisição de conhecimentos significativos para que o direito à palavra seja restituído aos grupos sociais marginalizados. Neste caso, não se

trata da palavra como verbalismo, mas sim daquela palavra que contém em si a força da transformação e, nesse sentido, é palavra verdadeira, pronunciada em comunhão com o outro, tornando práxis, que é a unidade inquebrantável entre reflexão e ação.

Do ponto de vista do objeto cultural que estabelece a medição do diálogo na TLD, é importante ressaltar que o caráter poético da literatura potencializa outro aspecto da palavra verdadeira e, portanto, da práxis dos participantes. Se a elite monopoliza a palavra imprimindo nela o sentido monovalente, ou seja, o único, que lhe interessa, a poesia do texto literário oferece ao leitor o resgate da palavra na sua plurissignificação, ou seja, em sua potência original de conectar linguagem e pensamento.

Um dos grandes resultados de todo o processo educativo da tertúlia foi o notável processo humanizador pelo qual passaram: emancipação da maioria delas, tanto nas relações de gênero, quanto nas relações de poder em geral, o que envolveu um ganho importante de autoestima. Neste resgate do amor próprio, a condição feminina foi sendo valorizada de dentro para fora, a partir do conhecimento das suas idiossincrasias. Os princípios da TLD contribuíram decisivamente para a reconstrução de uma subjetividade feminina, que estava humilhada por relações típicas da sociedade capitalista e patriarcal. É lícito lembrar aqui da personagem Macabéa, de Clarice Lispector, personagem nordestina, de identidade reprimida, pobre, órfã de pais, de sonhos, de escolhas, só com a certeza de não ser ninguém, mergulhada no nada, prescindia de tudo, até das palavras. O silêncio era algo também muito marcante no comportamento das participantes da TLD, pois o seu lugar de fala no mundo estava vetado pela sua condição social, de raça e de gênero. Assim, elas não falavam quase nada sobre si e suas questões, porque nunca lhes foi dado esse espaço, e sua voz nunca foi considerada nas decisões políticas, na relação com seu companheiro ou na comunidade de modo geral. Isso refletia uma imensa tristeza e baixa estima que contaminavam as primeiras falas. Entretanto, aos poucos estas vozes foram se tornando mais claras, mais audíveis, mais conectadas com quem realmente eram.

Clarice Lispector dá voz a todas as mulheres subjugadas quando cria Macabéa, elevando poeticamente o ser feminino, sucumbido socialmente. A redenção

da personagem se dá pela poesia contida na forma de narrar a sua história. Na TLD a redenção se dá pela possibilidade que o leitor (no nosso caso, as mulheres) tem de organização do seu caos interno, propiciada por esta forma.

É muito importante ressaltar aqui algo muito positivo da personalidade destas mulheres: a capacidade de entrega ao novo, sem a resistência que poderia impedi-las de provar a transformação. Quando elas se lançam desarmadas à atividade de TLD, com seus questionamentos, é claro, a possibilidade de que as suas realidades interna e externa comecem a dialogar com uma terceira realidade, a da produção do conhecimento, começa a tomar corpo. Para se recriarem assim, o diálogo é o ponto de intersecção dessas três realidades, que propiciam a transformação de vítimas de um contexto social e íntimo a protagonistas das suas próprias trajetórias de vida.

Mesmo sendo dois grupos com escolaridade muito variada, ao final de todo o trabalho com a TLD, todas apresentavam o mesmo nível de autonomia para seguir buscando conhecimento e autoconhecimento. Como resultado ainda percebemos que a TLD proporcionou às mulheres aprendizagens instrumentais, autonomia, desenvolvimento da percepção estética, pensamento crítico, respeito às diferenças culturais, aprimoramento da expressão verbal e da capacidade argumentativa. Assim, em uma via de mão dupla, em que leitura e escrita se alimentam e se estimulam, as estudantes passaram a uma autonomia leitora com naturalidade e passaram a ter a escrita como um modo definitivo de se colocar no seu contexto interno e externo.

Para Freire, a educação equivale à ação cultural para liberdade. Como cultura, pressupõe relação, envolve pessoas que se realizam sob determinadas condições materiais e de opções políticas. Nesse sentido, a equipe de TLD nunca deve lidar com um participante como uma abstração, nem tampouco como um ser já decifrado por um discurso dito crítico e materialista, que se esquece da subjetividade na objetividade e vice-versa.

Somente há educação com ato de criação, só quem cria são pessoas, só quem cria é capaz, por sua vez, de ressaltar a condição de pessoa de cada indivíduo. Mas esse realce não pode ser só para um ou outro indivíduo; precisa ser coletivo, porque pessoa não se faz pessoa no isolamento, e sim na comunhão. O método

de educação é o próprio trabalho-criação, por isso a TLD se configura como uma atividade com extremo potencial criativo.

O educador, como um artista e um político, sabe de que lado está e cria a partir de técnicas que domina. Não são as técnicas que o dominam, ele cria na relação com os outros e com o mundo. E é nesse processo que se conhece, por meio da experiência livre e por meio do acúmulo da experiência científica. Só se pode criar e criar é fazer o novo, conhecendo o que outros já conheceram. Educar pressupõe esta noção de conhecimento – epistemologia.

A literatura na TLD é uma forma de conhecimento e autoconhecimento, pois revela o mistério, a beleza e o absurdo da condição humana. O ponto de partida é a leitura da palavra a partir já de uma leitura de mundo. O ponto de chegada é a mudança do mundo, do ser, que escreve as novas palavras com que modificou o mundo, porque não é uma palavra narrativa, é uma palavra pensada, é uma palavra que constitui o ser que existe e só se pode existir (existência) na ação e na reflexão dialeticamente. Enfim, só se pode pensar a partir do que se conhece, ou seja, da própria realidade vivida.

A TLD nada mais é do que a incorporação desta concepção de educação, que pressupõe uma pedagogia que realça nas pessoas sua condição de ser complexo (pensa, sente, age, cria). Mas essa capacidade de humanização (ou hominização) depende que o corpo, a partir do qual se pensa e se age, esteja nutrido, saudável em suas funções vitais. A educação que ignora o corpo, as necessidades materiais como pura abstração, ou que apenas a elas se limita, subordinando-se às necessidades, ou à pura concretude, encerra-se no fatalismo ou no idealismo puros, castrando as condições radicais do Ser Mais – a transcendência e a imanência.

Essa atividade cultural e educativa, socializada neste livro, também corrige uma dívida social relacionada a um número enorme de pessoas impedidas de desfrutar a literatura, ampliando sua capacidade de sujeitos criativos. Por isso, a TLD, pela razão mesma de se pautar no diálogo, amplia também a vitalidade da obra literária enquanto objeto de cultura. Este se extingue como objeto de cultura fora da vitali-

dade das relações dos homens e desses com o mundo, em um processo recíproco de transformação e corre o risco de se tornar objeto da ideologia da dominação.

Do ponto de vista literário, a TLD torna as obras artísticas vitais e vivas, o que é coerente mesmo com a própria noção de literatura como expressão radical da experiência humana, poetizada por um autor, dentro de sua linguagem, que é social. Então, a TLD humaniza também os autores das obras literárias.

Enfim, esta atividade cultural e educativa, socializada neste livro, realça a literatura como potência de vida. Por isso a metodologia da tertúlia é uma orientação filosófica que pode ser incrementada em seu processo com técnicas e métodos que realcem essa possibilidade das pessoas serem sujeitos. Só se pode escolher ou criar essas técnicas de modo apropriado se se conhece os sujeitos com os quais se trabalha, se se olha para eles como pessoa que pertence à humanidade dentro de uma classe, gênero, raça, como alguém que é parte de um todo que compõe a vida, da qual você, leitor/a também é uma centelha.

REFERÊNCIAS

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *O nome das coisas*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*, São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- CANDIDO, Antonio. Direito à Literatura. In: CARVALHO, José Sérgio *Educação, cidadania e direitos humanos*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 135-163.
- CONFAPEA. *Tertúlias Literárias Dialógicas*. Barcelona, Espanha: Mimeo, 1999.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2006.
- ELBOJ, Carmen Saso. *Comunidades de Aprendizaje: transformar la educación*. Barcelona: Graó, 2002.
- FLECHA, Ramón. *Compartiendo palabras - el aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo*. Barcelona: Paidós, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d' Água, 2001.
- FREIRE, Paulo *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa*, I: racionalidad de la acción y racionalización social; II: Crítica de la razón funcionalista. Madrid: Taurus, 1987.
- JESUS, Carolina Maria. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Ática, 2010.
- SANCHEZ AROUCA, Montse. La Verneda Sant Martí: a school where people dare to dream. *Harvard Educational Review*, Cambridge, v. 69, n. 3, 1999.

VALLS Y; CAROL, M. R. *Comunidades de Aprendizaje* – una práctica educativa de aprendizaje dialógico para la Sociedad de la Información. 2000. 168 f. Tese (Doutorado em Pedagogia Social e Políticas Sociais) - Departamento de Teoría y Historia de la Educación, Universidad de Barcelona, Barcelona. 2000.

a) Indicações de algumas obras clássicas da literatura para a Tertúlia Literária Dialógica.

LITERATURA NACIONAL

• POESIA

Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais, de Cora Coralina

Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga

O Caramuru, de Frei José de Santa Rita Durão

O Uruguai, de Basílio da Gama

Obras Poéticas, de Cláudio Manuel da Costa

Poesias, de Gregório de Matos

Vozes d' África - O Navio Negreiro, de Castro Alves

Eu, de Augusto dos Anjos

Poemas e Canções, de Vicente de Carvalho

Últimos Sonetos, de Cruz e Sousa

Alguma Poesia, de Carlos Drummond de Andrade

Libertinagem, de Manuel Bandeira

Martim-Cererê, de Cassiano Ricardo

Pau-Brasil, de Oswald de Andrade

Paulicéia Desvairada, de Mário de
Ritmo Dissoluto, de Manuel Bandeira
Um por Todos, de José Paulo Paes
A Poesia em Pânico, de Murilo Mendes
A Rosa do Povo, de Carlos Drummond de Andrade
A Túnica Inconsútil, de Jorge de Lima
Claro Enigma, de Carlos Drummond de Andrade
Flor da Morte, de Henriqueta Lisboa
Invenção de Orfeu, de Jorge de Lima
Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto
O Cão sem Plumas, de João Cabral de Melo Neto
Poemas, Sonetos e Baladas, de Vinicius de Moraes
Nova Antologia Poética, de Vinicius de Moraes
Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles
Mar absoluto, de Cecília Meireles
Xadrez de Estrelas, de Haroldo de Campos
Bagagem, de Adélia Prado
Lero lero, de Cacaso
Poema Sujo, Ferreira Gullar
Em alguma parte alguma, de Ferreira Gullar
Da morte: Odes mínimas, de Hilda Hilst
Do Desejo, de Hilda Hilst
Cão sem plumas, de João Cabral de Melo Neto
Sapato Florido, de Mário Quintana

Espelho Mágico, de Mário Quintana

Melhores poemas de Paulo Leminski, de Paulo Leminski

Obra completa, de Manoel de Barros

Os cem melhores poemas brasileiros do século (coletânea)

A fúria da beleza, de Elisa Lucinda

A teus pés, de Ana Cristina César

Poesia reunida, de Deborah Brennand

Livro das Auras, de Maria Lúcia dal Farra

• CONTO

Negrinha, de Monteiro Lobato

Contos novos, de Mário de Andrade

O tronco, de Bernardo Élis

Morangos mofados, de Caio Fernando Abreu

Os dragões não conhecem o paraíso, de Caio Fernando Abreu

Felicidade clandestina, de Clarice Lispector

Laços de família, de Clarice Lispector

Contos eróticos, de Dalton Trevisan

Vampiro de Curitiba, de Dalton Trevisan

Desastres no amor, de Dalton Trevisan

Sagarana, de Guimarães Rosa

Primeiras Histórias, de Guimarães Rosa

Malagueta, Perus e Bacanaço, de João Antônio

Leão-de-chácara, de João Antônio

O homem que sabia javanês, de Lima Barreto

Conto de escola e outras histórias, de Machado de Assis

Oito contos de amor, de Lygia Fagundes Telles

Venha ver o pôr-do-sol, de Lygia Fagundes Telles

Os cem melhores contos brasileiros do século, de Ítalo Moriconi (organizador)

O olho enigmático, de Moacir Scliar

Os gestos, Osman Lins

A face horrível, de Ivan Ângelo

As noites do morro do encanto, de Dinah Silveira de Queiroz

Às oito, de Maria Amélia

Estórias da Casa Velha da Ponte, de Cora Coralina

• ROMANCE

Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus

O diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus

Uma vida em segredo, de Autran Dourado

A Paixão Segundo G.H., de Clarice Lispector

Aprendizagem ou o livro dos prazeres, de Clarice Lispector

A hora da estrela, de Clarice Lispector

Perto do coração selvagem, de Clarice Lispector

Os Ratos, de Dyonélio Machado

Olhai os lírios do campo, de Érico Veríssimo

O tempo e o vento, de Érico Veríssimo

O Quinze, de Rachel de Queiroz

O homem feito, de Fernando Sabino

Vidas Secas, de Graciliano Ramos

Angústia, de Graciliano Ramos

São Bernardo, de Graciliano Ramos

O Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa

Estar sendo ter sido, de Hilda Hilst

Viva o Povo Brasileiro, João Ubaldo Ribeiro

Sargento Getúlio, João Ubaldo Ribeiro

Capitães da areia, Jorge Amado

Mar morto, Jorge Amado

Tieta, de Jorge Amado

Gabriela cravo e canela, de Jorge Amado
Senhora, de José de Alencar
Lucíola, José de Alencar
Menino de engenho, de José Lins do Rego
Fogo Morto, de José Lins do Rego
Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto
Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis
Dom Casmurro, de Machado de Assis
O Alienista, de Machado de Assis
Macunaíma, de Mário de Andrade
Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar
Copo de cólera, de Raduan Nassar
Anarquistas, graças a Deus, de Zélia Gattai
As meninas, de Lygia Fagundes Telles
Floradas na serra, de Dinah Silveira Queiroz
O tigre na sombra, de Lya Luft
As parceiras, de Lya Luft
O quarto fechado, de Lya Luft

LITERATURA INTERNACIONAL

- O fio das Missangas*, de Mia Couto
O último Vôo do Flamingo, de Mia Couto
A divina Comédia, de Dante Alighieri
Dom Quixote, de Miguel de Cervantes
Sidarta, de Hermann Hesse
O lobo da estepe, de Hermann Hesse
A metamorfose, de Franz Kafka
O Processo, de Franz Kafka
A revolução dos bichos, de George Orwell
O estrangeiro, de Albert Camus
Pedro Páramo, de Juan Rulfo
O século das Luzes, Alejo Carpentier
O eu profundo e outros eus, de Fernando Pessoa
A eternidade e o desejo, de Inês Pedrosa
Cem anos de solidão, de Gabriel Garcia Marquez
Malone more, de Samuel Beckett
Molloy, Samuel Beckett
O inominável, Samuel Beckett
O segundo sexo, Simone de Beauvoir
A praça do Diamante, de Mercè Rodoreda
Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust
Folhas de relva, de Walt Whitman

A montanha mágica, de Thomas Mann
Cabeças Trocadas, de Thomas Mann
A trégua, de Mário Benedetti
Obra completa, de Camões
O Deus das Pequenas Coisas, de Arundhaty Roy
Ensaio sobre a Cegueira, de José Saramago
Mrs. Dalloway, de Virginia Woolf
O Conto da Ilha Desconhecida, de José Saramago
Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago
Levantado do chão, de José Saramago
Travessuras da Menina Má, de Mário Vargas Llosa
A casa dos espíritos, de Isabel Allende
A república, de Platão
Germinal, Émile Zola
A casa de Bernarda Alba, de García Lorca
Memórias de Adriano, de Margaret Youcenar
Madame Bovary, de Gustave Flaubert
Crime e castigo, de Fiódor Dostoiévski
O Velho e o Mar, de E. Hemingway
A Mulher de Trinta Anos, de Honoré de Balzac
Razão e Sensibilidade, de Jane Austen
Orgulho e preconceito, de Jane Austen
O Leopardo, de Lampedusa
Babbitt, de Sinclair Lewis

As Aventuras de Tom Sawyer, de Mark Twain
O Vermelho Negro, de Stendhal
Ana Karênina, de Tolstoi
Os Trabalhadores do Mar, de Victor Hugo
O Nome da Rosa, de Umberto Eco
Frankenstein, de Mary Shelley
Um conto de Duas Cidades, de Charles Dickens
As Relações Perigosas, de Choderlos de Laclos
Sonho de uma Noite de Verão, de W. Shakespeare
Hamlet, de W. Shakespeare
Romeu e Julieta, de W. Shakespeare
Contos latino-americanos eternos, Alice Ruiz (organizadora)
Contos africanos dos países de língua portuguesa
Obra completa, de Florbela Espanca
Obra completa, de Pablo Neruda
Vida querida, de Alice Munro
Ternura, de Gabriela Mistral
Leitura para mulheres, de Gabriela Mistral
Um homem e duas mulheres, de Doris Lessing
Me chamo Rigoberta e assim me nasceu a consciência, de Rigoberta Menchú
As palavras do corpo, de Maria Teresa Horta
A vagabunda, de Collete

b) Navegação

LITERÁRIA

Domínio Público

(download de obras clássicas)

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

Biblioteca de São Paulo

(download de literatura infantil)

<http://bibliotecadesaopaulo.org.br/2012/05/04/literatura-infantil-para-download/>

www.fnlij.org.br

<http://www.fnlij.org.br/bibliotecatitulo6.htm>

<http://www2.uol.com.br/ruthrocha/historias.htm>

<http://www.fnlij.org.br/>

http://www.clicfilhos.com.br/site/display_materia.jsp?titulo=Livros+que+n%E3o+envelhecem

<http://www.fnlij.org.br/bibliotecatitulo.html> (TÍTULOS RECEBIDOS PELA FNLIJ)

<http://www.pallaseditora.com.br/assunto.php?id=22> (livros de temática afro)

<http://www.mec.gov.br/sef/fundamental/avaliv.shtm> (adaptados)

Associação de Leitura do Brasil

<http://alb.com.br/>

Biblioteca Virtual de Literatura

<http://www.biblio.com.br/>

CIENTÍFICA

Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da UFSCar
(acesso a produções acadêmicas sobre aprendizagem dialógica, tertúlia literária dialógica a relatos de experiências de tertúlia no Brasil)
<http://www.niase.ufscar.br/>

CREA

(acesso a produções acadêmicas sobre aprendizagem dialógica e temas afins)
<http://creaub.info/>

c) Textos sobre TLD

CARDINALI, Renato Pedro; PEREIRA, Kelci Anne. A.; GIROTTO, Vanessa Cristina; CHERFEM, Carolina Orquiza; MELLO, Roseli Rodrigues de. Tertúlia Literária Dialógica e sua Metodologia: encontro entre a leitura da palavra e a leitura do mundo. In: FILHO, Targino de Araújo; THIOLENT, Michel Jean-Marie. (Org.). Metodologia para projeto de extensão: apresentação e discussão. 1ed.São Carlos: Cubo Multimídia, 2008, v. 1, p. 1-666.

FRANZI, Juliana; BRAGA, Fabiana Marini; CHERFEM, Carolina Orquiza; MELLO, Roseli Rodrigues de; PEREIRA, Kelci Anne. Aprendizagem Dialógica na Educação de Pessoas Adultas: denúncias e anúncios para a superação de obstáculos e busca para o desenvolvimento humano. Educação (Rio Claro. Impresso), v. 19, p. 1-18, 2009.

GIROTTO, Vanessa Cristina. Leitura Dialógica: primeiras experiências com Tertúlia Literária Dialógica com crianças em sala de aula. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação. UFscar: São Carlos, 2011. Disponível em:

<http://www.academicoo.com/artigo/leitura-dialogica-primeiras-experiencias-com-tertulia-literaria-dialogica-com-criancas-em-sala-de-aula>

MELLO, Roseli Rodrigues de; FLECHA, Ramón. Tertúlia Literária Dialógica: Compartilhando histórias. Revista de Educação CEAP, São Paulo: Edições Loyola, n. 48, Ano XIII, p. 29-33, 2005. Disponível em: http://www.ceap.org.br/ed_anteriores/48.htm

MELLO, Roseli Rodrigues de: Tertúlia Literária Dialógica: espaço de aprendizagem dialógica. Contrapontos, Itajaí, v. 3, n. 3, p. 449-457. set./dez. 2003. Disponível em: <http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/740/591>

PEREIRA, Kelci Anne; BOGADO, Adriana Marcela; CHERFEM, Carolina Orquiza; GIROTTI, Vanessa Cristina. Tertúlia Literária Dialógica: espaço de superação de exclusões por meio da aprendizagem dialógica. In: Conferência Internacional - Educação Globalização e Cidadania: novas perspectivas da sociologia da educação, 2008, João Pessoa. Conferência Internacional - Educação Globalização e Cidadania: novas perspectivas da sociologia da educação, 2008.

C) Acervo da Tertúlia Literária Dialógica: narrativa fotográfica de todo o processo



Foto 30: Uso do computador para pesquisa



Foto 31: Apoio e monitor tirando dúvida de participante



Foto 32: Estímulo e receptividade por parte do apoio



Foto 33: Alunas compartilhando suas produções



Foto 34: Hora do Lanche

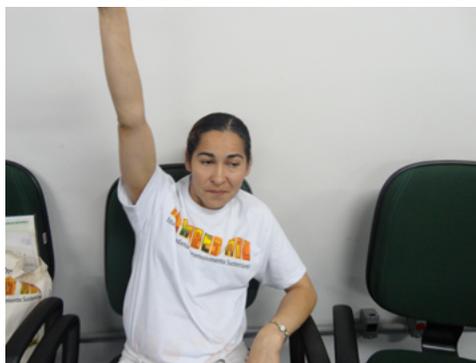


Foto 35: Participante fazendo a inscrição para a fala



Foto 36: Participante identificada com a autora, Carolina Maria de Jesus



Foto 37: Participante identificada com a autora, Carolina Maria de Jesus



Foto 38: Participantes acompanhando momento intertextual - frase Guimarães Rosa



Foto 39: Animadora explicando a dinâmica da TLD



Foto 40: Atenção total às falas



Foto 41: Participantes acompanhando atentamente a leitura



Foto 42: Participante da TLD



Foto 43: Os filhos na TLD



Foto 44: Participante prestando atenção aos acordos para o próximo encontro



Foto 45: Monitor da TLD, hoje universitário



Foto 46: Animadora Cultural fazendo diário de campo



Foto 47: Participantes acompanhando atentamente a leitura



Foto 48: Monitora auxiliando a organização da TLD



Foto 49: Animadora Cultural na roda de leitura



Foto 50: Participantes imersas na leitura



Foto 51: Participantes imersas na leitura



Foto 52: Monitor fazendo as imagens do arquivo da TLD



Foto 53: Participante apreciando as falas



Foto 54: Estagiário do Canadá acompanhando a TLD



Foto 55: Monitor realizando pesquisa na internet sobre dúvida surgida na TLD



Foto 56: Animadora Cultural fechando a TLD

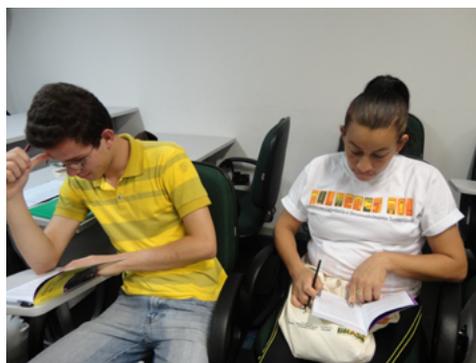


Foto 57: Monitor participando da TLD



Foto 58: Animadora Cultural e apoio participando da TLD



Foto 59: Encontro de gerações na TLD



Foto 60: A roda organizada para leitura



Foto 61: Apresentação do mapa da vida final



Foto 62: Finalização de um dos grupos da TLD



Foto 63: Apoio estimulando a construção do Mapa da Vida



Foto 64: Produção artística das capas dos livros escritos pelas participantes da TLD



Foto 65: Participante apreciando o livro artesanal (antologia de diários escritos pelas participantes)



Foto 66: Livros artesanais com os poemas escritos pelas participantes da TLD



Foto 67: Oficina de poesia - desenvolvimento da abstração



Foto 68: Oficina de poesia - estímulo dos sentidos



Foto 69: Oficina de poesia - escrita

1 A tertúlia é uma atividade cultural e educativa que não tem prazo para acabar. Assim que a leitura e o diálogo em torno de um livro terminam, podem-se começar outros livros. A continuidade vai depender do interesse do grupo participante, mas quando a tertúlia está circunscrita em um projeto que tem um cronograma próprio, **pode-se considerar** que o fim do projeto é o fim de um ciclo de tertúlia. Este pode ser reaberto fora do contexto em que foi realizado (em associações de bairro, igrejas, equipamentos públicos de assistência social e de cultura, bibliotecas etc.), mediado por qualquer pessoa interessada e que tenha se apropriado da metodologia da aprendizagem dialógica, podendo ser, inclusive, uma participante da tertúlia.